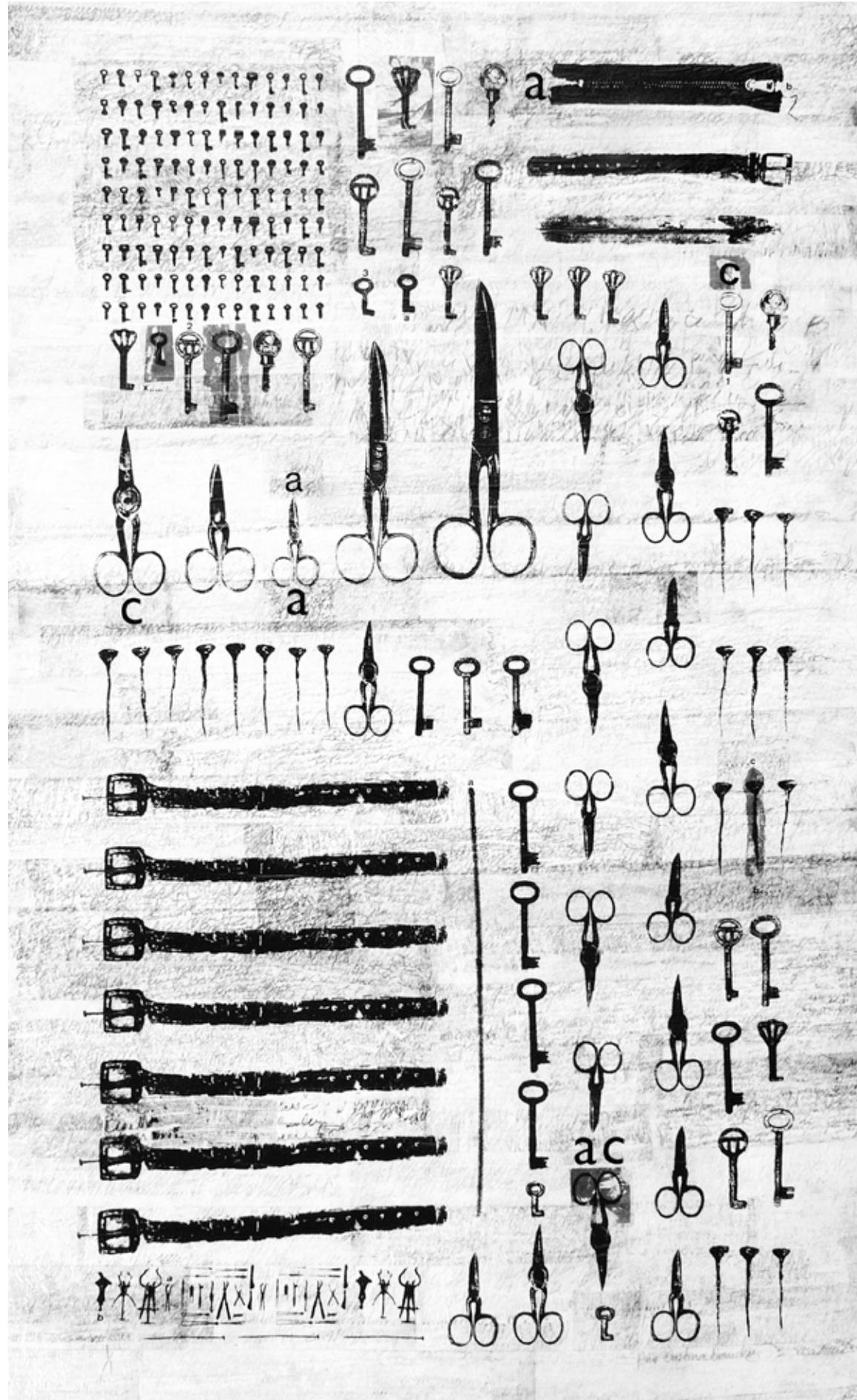


SUPLEMENTO



Durante boa parte da segunda metade do século passado, a censura da ditadura militar que mandava no País tentou sufocar as vozes da música brasileira. Mas não foi eficaz o bastante para impedir que uma nova e importante geração de compositores e poetas surgisse e se desenvolvesse sob sua sombra. O doutor em Literatura Comparada pela UFMG Roniere Menezes conta parte dessa história no ensaio que abre este número.

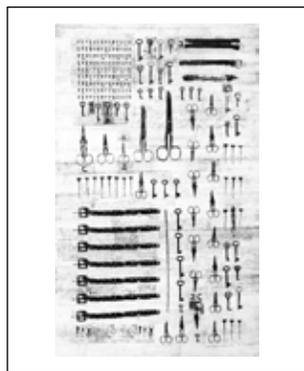
Já neste século em que vivemos, um novo e estranho atentado contra a nossa língua tem ameaçado a maneira do brasileiro se expressar sob o pretexto de facilitar a compreensão dos menos letrados. O poeta Márcio Almeida discorre aqui sobre esse absurdo. E, por falar em absurdo, a ensaísta Dirce Waltrick do Amarante analisa um dos livros mais instigantes do irlandês James Joyce.

Os poetas Nicolas Behr, Mônica de Aquino, Marcos Pedroso e Danilo Alves, este um jovem baiano que publica em nossas páginas seu primeiro poema, mostram suas produções mais recentes. Outro jovem, Rafael F. Carvalho, vem com seus textos curtos acompanhar os contos de Marcílio França Castro e de Cristina Garcia Lopes, que tem sua obra ilustrada pela artista plástica Ana Cristina Brandão, também responsável pelo desenho da capa.

Como curiosidade, o editor do jornal *O Trem Itabirano*, Marcos Caldeira de Mendonça, nos revela como foi anunciado, numa edição do Correio de Itabira de 1902, o nascimento do cidadão que viria se tornar Carlos Drummond de Andrade.

O SLMG aproveita para corrigir um lapso e fazer um registro necessário à sua edição anterior: a tradução do texto Notícias do Dilúvio, de Eduardo Lalo, feita por Letícia Malloy, teve como parceiro André Tessaro Polinser, doutorando em Estudos Literários na UFMG.

SUPLEMENTO



Capa: Ana Cristina Brandão

Superintendente de Bibliotecas Públicas e Suplemento Literário

Diretor

Coordenador de Apoio Técnico

Coordenador de Promoção e Articulação Literária

Projeto Gráfico

Escritório de Design

Diagramação

Conselho Editorial

Equipe de Apoio

Jornalista Responsável

Catiara Oliveira Mello Afonso

Jaime Prado Gouvêa

Marcelo Miranda

João Pombo Barile

Plínio Fernandes

Gíria Design e Comunicação

Carolina Lentz - Gíria Design e Comunicação

Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de

Souza, Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques

Elizabeth Neves, Aparecida Barbosa, Ana Maria Leite

Pereira, André Luiz Martins dos Santos, Daniela Mara dos

Santos Andrade (estagiária)

Marcelo Miranda - JP 66716 MG

Textos assinados são de responsabilidade dos autores

Acesse o Suplemento online: www.cultura.mg.gov.br

O SUPLEMENTO é
impresso nas oficinas da
Imprensa Oficial do Estado
de Minas Gerais

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 - Anexo - CEP: 30130-180
Belo Horizonte, MG - Telefax: 31 3269 1143
suplemento@cultura.mg.gov.br

Cantando no escuro

RONIERE MENEZES

A Música Popular Brasileira configura-se como uma das produções mais potentes da arte e da cultura nacional. Inscreve seu jogo harmônico, melódico e rítmico, sua força lírica e suas reflexões requintadas em momentos fundamentais da história do país e da vida de seus cidadãos. Neste texto, iremos apresentar um panorama dessa singular expressão musical, realizada entre meados dos anos 60 e meados dos anos 80, acentuando diversas batalhas empreendidas pela MPB contra as várias formas de repressão e de autoritarismo presentes no país no período da ditadura militar. A maioria das canções não se limitam ao momento histórico. Elas se revelam como artefatos bem realizados, criações que aguçam a sensibilidade e despertam novas percepções de mundo. Como qualquer série, lista, coleção, esta também apresenta suas falhas, suas incompletudes, mas poderá contribuir para reavivar a memória sobre a importância da canção popular na história recente do país e, quem sabe, fomentar futuros estudos.



É PROIBIDO PROIBIR

No início dos anos 60, alguns músicos ligados à Bossa Nova – como Carlos Lyra e Nara Leão – partem para um projeto musical de cunho mais político. Em 1963, Carlos Lyra lança, pelo Centro Popular de Cultura (CPC), da UNE, o disco *O povo canta*, onde aparece a “Canção do subdesenvolvido”. Em 1964, o disco foi retirado de circulação pela ditadura recém instaurada no país. No mesmo ano, o compositor escreve, em parceria com Vinicius de Moraes, “Pau-de-arara”, que fez parte do musical *Pobre menina rica*. Na canção, o discurso nordestino entra em cena, incluindo o sotaque, a coloquialidade e o ritmo da viola de cantador de feira. Chegando ao Rio de Janeiro, o migrante afirma: “a fome era tanta que nem voz eu tinha”. O pau-de-arara expõe-se ao mundo, mostrando dissonâncias entre seu corpo franzino e a suntuosidade da paisagem.

No período inicial dos chamados “anos de chumbo”, há, no país, uma eclosão da diversidade criativa que simboliza a música popular brasileira. O apuro estético, herança dos anos JK, mostra sua face ao lado de músicas com forte tonalidade político-ideológica, que, por sua vez, dividem espaço entre os jovens com um movimento influenciado pelo iê, iê, iê: a Jovem Guarda. É a época dos grandes festivais. No mesmo período, com o espetáculo *Opinião*, Nara Leão e, em seguida, Maria Bethânia, firmam o lugar da mulher na luta estético-política.

Em 1966, Jair Rodrigues interpreta “Disparada”, de Geraldo Vandré e Théo de Barros, no Festival de Música Popular Brasileira da Record. A música divide o primeiro lugar com “A banda”, de Chico Buarque, interpretada por Nara Leão. Este festival e os que se seguiram refletem um tempo de intenso poder comunicativo da canção popular.

Na contramão da música ancorada na ideia do “banquinho e violão”, Caetano Veloso cria polêmica ao introduzir a guitarra elétrica na MPB. Isso se dá na interpretação da canção “Alegria, alegria”, quando o compositor é acompanhado pelo grupo argentino-brasileiro Beat Boys, durante o III Festival de Música da TV Record, de 1967. Edu Lobo e Capinam vencem este festival com a música “Ponteio”, interpretada por Edu Lobo e Marília Medalha. No mesmo ano, Sidney Miller apresenta, em disco, ao lado de Nara Leão, a canção “A

estrada e o violeiro” que também alcança forte ressonância entre o público jovem.

O tropicalismo empreende uma releitura da proposta antropofágica de Oswald de Andrade, criando canções em que se mesclam imagens e sons do Brasil moderno e arcaico, deixando ainda passar pela sua peneira ricas influências culturais estrangeiras. A música “Tropicália”, de Caetano Veloso, revela-se como forte exemplo da proposta. Sob vaias do público presente no auditório do III Festival Internacional da Canção, na fase eliminatória de São Paulo, Caetano Veloso tenta cantar a música “É proibido proibir”; não conseguindo, faz, de improviso, um histórico discurso – acompanhado pela banda Os Mutantes – contra todas as formas de censura. A letra de “É proibido proibir” faz alusão aos acontecimentos de maio de 68 francês e assinala o posicionamento rebelde e afiado do compositor frente a diversas formas de repressão.

Geraldo Vandré, com a música “Pra não dizer que não falei de flores” (“Caminhando”) ficou em segundo lugar no III Festival Internacional da Canção, ocorrido no Maracanãzinho. Tom Jobim e Chico Buarque ganham o concurso, com “Sabiá”, interpretada pela dupla Cynara e Cybele. Mas o público, em peso, demonstra, com ruidosas vaias, o desejo de ver como vencedora a música engajada de Vandré. “Sabiá” parecia prever o sonho de retorno ao país de tantos futuros exilados: “Vou voltar/ Sei que ainda vou voltar/ Para o meu lugar/ Foi lá e é ainda lá/ Que eu hei de ouvir cantar/ Uma sabiá”.

Em 13 de dezembro de 1968, Vinicius de Moraes realiza show em Portugal. Nessa data, havia sido decretado o Ato Institucional número 5. Em certo momento, o poeta denuncia os desmandos do regime de exceção brasileiro e lê o poema “Pátria minha”, enquanto Baden dedilha o Hino nacional ao violão. Devido a ações políticas em favor da redemocratização do país, Vinicius acaba sendo aposentado, de forma compulsória, de seu cargo no Itamaraty.

Em resposta indignada às turvas circunstâncias políticas, Sérgio Ricardo escreve a música “Aleluia”, feita em homenagem a Che Guevarra, morto no ano anterior. A canção traz os seguintes versos: “Che Guevarra não morreu/ Não, não morreu, Aleluia/ Che, eu creio no teu canto/ como um manto em minha dor”. O disco

foi, obviamente, censurado. A canção “Soy loco por ti, América”, de Gilberto Gil, Torquato Neto e Capinam, gravada inicialmente por Caetano Veloso, evoca, também, a lembrança do ídolo guerrilheiro argentino: “Espero a manhã que cante, el nombre del hombre muerto.”

CANTO DE DESPEDIDA

Em 1969, Gil e Caetano seguem para o exílio em Londres. No mesmo ano, Chico Buarque parte para o autoexílio na Itália e Vandrê para o autoexílio no Chile, antes de seguir para a França. Durante o período em que viveu na clandestinidade, no Brasil, Vandrê foi acolhido por Aracy Moebius de Carvalho, segunda mulher do escritor Guimarães Rosa. Ainda vivendo escondido em seu país, Vandrê recebe visita de Geraldo Azevedo, músico da banda “Quarteto livre”, que acompanhava o autor de “Caminhando”. Do encontro, surge “Canção da despedida”, espécie de premonição quanto aos novos passos do artista: “Já vou me embora, mas sei que vou voltar/ Amor, não chora, se eu volto é pra ficar/ (...) / Eu quis ficar aqui, mas não podia/ O meu caminho a ti, não conduzia/ Um rei mal coroado não queria/ O amor em seu reinado/ pois sabia, não ia ser amado”. Entre o final dos anos 60 e início dos 70, enquanto se ouvem no rádio canções como “Eu te amo, meu Brasil”, de Dom e Ravel, muitos são calados, presos e exilados, muitos desaparecem para sempre. Chico Buarque grava, em compacto, “Apesar de você”, buscando vislumbrar clareiras utópicas em territórios de desmando. O disco foi censurado.

Na canção “Terra”, Caetano Veloso se lembra do momento em que teve o primeiro contato com fotos do planeta Terra, tiradas pelos astronautas, da lua: “Quando eu me encontrava preso/ Na cela de uma cadeia/ Foi que eu vi pela primeira vez as tais fotografias (...)”. Exilado em Londres, junto com Gilberto Gil, Caetano é homenageado nas canções “Quero voltar pra Bahia”, de Paulo Diniz e “Debaixo dos caracóis dos seus cabelos”, de Roberto e Erasmo Carlos.

Um feliz encontro de finas sensibilidades artísticas é promovido pelo chamado Clube da esquina. Seus componentes trazem, do fundo de Minas Gerais, na esteira da contracultura, uma magistral sonoridade que mescla o cosmopolitismo do rock and roll à aura bucólica de vales, rios, montanhas e catedrais. Milton Nascimento, Beto Guedes, Toninho Horta, Lô Borges e Tavinho Moura, entre outros talentosos músicos e letristas, criam composições extremamente originais, revelando – por meio de bem delineadas metáforas – as incertezas e as utopias daquela geração; demonstram, ainda, formas alternativas de resistência política e cultural. Um bom exemplo das estratégias discursivas deste movimento pode ser vista em “Clube da Esquina número 2”, de Milton Nascimento e Lô Borges: “Porque se chamavam homens/ Também se chamavam sonhos/ E sonhos não envelhecem/ Em meio a tantos gases lacrimogênicos/ Ficam calmos, calmos, calmos/ (...) / E o rio de asfalto e gente/ Entorna pelas ladeiras/ Entope o meio fio/ Esquina mais de um milhão/ Quero ver então a gente, gente, gente/ (...)”. O texto pode sugerir, por meio de esquinas poéticas, uma instigante leitura dos movimentos que tomavam as ruas de várias metrópoles brasileiras, protestando contra ações do regime militar e clamando pela redemocratização do país.

Grupos e cantores ligados à cena do rock and roll, como Os mutantes, Secos e molhados, Novos Baianos, A bolha, O terço, Sá, Rodrigues e Guarabira, Raul Seixas, Rita Lee, entre outros, incomodam o sistema vigente pela postura ousada, pela pulsante sonoridade, pelas letras audaciosas, onde o humor, o deboche, a idealização de espaços comunitários alternativos afinam-se com uma tonalidade política questionadora de cerceamentos morais. Como sabemos, além de uma revolução musical, o rock almejava uma revolução comportamental. A “mosca na sopa” de Raul Seixas pode exemplificar o incômodo que posturas anárquicas geravam em relação às regras do “bom costume” almejadas pelo regime político vigente. Sérgio Sampaio, com “Eu quero é botar meu bloco na rua”, complementa o quadro dos artistas e produções que desejavam fazer do corpo, da voz, ainda que frágeis, gestos corajosos de indignação e de proposição de formas de vida libertárias. As amarras dos territórios de controle acabam propiciando, a contragosto, o surgimento de

linhas de fuga, espaços de descontrolo pães de vitalidade, pautados pela fantasia, pela busca do prazer.

Cumpra ressaltar que o clima político-cultural da época era bastante tenso e a melancolia às vezes pulsava em certas produções, como em “Pois é, pra quê”, de Sidney Miller. Por isso, era preciso “estar atento e forte”, como diz a canção “Divino maravilhoso”, de Gilberto Gil e Caetano Veloso, interpretada de modo explosivo e inovador por Gal Costa.

SINAIS FECHADOS

Tomados por um profundo sentimento do tempo presente, Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro escrevem a precisa canção “Pesadelo”, gravada pelo grupo MPB4, um dos retratos mais fieis da relação entre o artista e o fantasma da repressão no Brasil: “Você vem me agarra / Alguém vem me solta / (...) E se a força é tua ela um dia é nossa/(...) Você corta um verso, eu escrevo outro/ Você me prende vivo, eu escapo morto./(...)”

A canção “Comportamento geral”, de Gonzaguinha, estampa os seguintes versos: “Você deve aprender a baixar a cabeça/ E dizer sempre Muito obrigado!/ São palavras que ainda te deixam dizer/ Por ser homem bem disciplinado/ Deve pois só fazer pelo bem da nação/ Tudo aquilo que for ordenado.” A música criou problemas entre o autor e a repressão política. Além de “Comportamento geral”, Gonzaguinha teve outras dezenas de músicas censuradas pelo regime militar; foi obrigado, inclusive, a diminuir drasticamente o número de canções apresentadas em shows.

Um outro importante nome do cenário musical considerado símbolo da resistência à ditadura foi Taiguara. O artista teve cerca de cinquenta composições censuradas pelo regime. Um exemplo de sua produção engajada pode ser notada na criação intitulada “Que as crianças cantem livres”. Em 1973, o artista auto exilou-se na Inglaterra, voltando ao país dois anos depois, quando grava o disco *Imyra, Tayra, Ipy* – Taiguara, com Hermeto Pascoal; mas o show de lançamento foi cancelado e todas as cópias recolhidas pela ditadura.

A canção “Uma vida só” (“Pare de tomar a pílula”) de Fernando Adour e Odair José foi censurada por supostamente ser “possuidora de uma mensagem negativa e de uma linguagem licenciosa, manifestando prática sexual desviante”, segundo documento do governo. A censura não vinha apenas de órgãos da ditadura, mas de diversos setores da sociedade.

No intuito de vencer o controle da censura, cria-se, nas letras da MPB, a chamada “linguagem da fresta”, por meio do emprego de alusões, metáforas e alegorias. Em “Cálice”, Chico Buarque e Gilberto Gil brincam com a amarga sonoridade de cálice/cale-se, demonstrando como era difícil acordar calado naquelas circunstâncias históricas.

Vendo seu trabalho tolhido pela censura, Chico Buarque resolve gravar um disco apenas com composições de outros autores. Assim surge Sinal fechado. A música que dá nome ao disco, de Paulinho da Viola, retrata um tempo de medo, de discursos evasivos, de esperanças incertas. No LP, aparece “Acorda amor”, assinada por Julinho da Adelaide,

pseudônimo criado por Chico para tentar fugir da censura: “Acorda amor, eu tive um pesadelo agora/ Sonhei que tinha gente lá fora/ Batendo no portão, que aflição/ Era a dura, numa muito escura viatura/ (...)”.

Em meados dos anos 70, diversos cantores e compositores nordestinos chegam de vastos sertões e espalham, pelo território nacional, sua fibra sonora, sua marcante dicção. Fagner, Belchior, Zé Ramalho, Amelinha, Elba Ramalho, Ednardo, entre outros, ampliam, com seus versos e ritmos singulares, os retratos do Brasil.

Procurando enxergar o período pesado da ditadura militar brasileira pelo viés da vida íntima, acentuando o drama afetivo vivido por familiares de presos e desaparecidos políticos, Chico Buarque compõe, com Miltoninho, do MPB4, a canção “Angélica”. O texto faz homenagem à luta amorosa e obstinada de Zuzu Angel, a mãe que queria “apenas agasalhar o seu filho/ que mora na escuridão do mar”. O filho, Stuart Angel, era militante do MR-8 e fora morto por ações ligadas à ditadura.

Milton Nascimento e Fernando Brant fazem dueto com Chico Buarque e Miltoninho, prestando homenagem – com a música “Maria, Maria” – à garra de tantas outras mulheres comuns brasileiras: “Mas é preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter sonho sempre”.

TECENDO MANHÃS

A canção “O bêbado e o equilibrista”, de João Bosco e Aldir Blanc, imortalizada na voz de Elis Regina, revela-se como forte referência na luta pela anistia no país. A letra estabelece clara referência ao desejo da terra brasileira de rever seus filhos – políticos, intelectuais e artistas – que foram exilados no mesmo período em que o homem rompia fronteiras espaciais, chegando à lua: “Meu Brasil!/ Que sonha com a volta do irmão do Henfil/ Com tanta gente que partiu/ Num rabo de foguete”. Apesar da “dor pungente”, a luta pela redemocratização cumpriria seu papel histórico.

Entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, surgem, em Brasília, grupos que iriam alterar profundamente o panorama da música popular. Na capital do país, ainda governado por generais, começa a ganhar fôlego o novo projeto do rock brasileiro. Bandas como Aborto Elétrico (que se transformaria na Legião Urbana), Plebe Rude e Capital Inicial demonstram, em suas criações e shows, indignação com a situação política do país. Reivindicam direitos sociais e individuais, em uma linguagem que apresenta profunda sintonia com os anseios dos jovens brasileiros urbanos. “Que país é esse?” foi composta por Renato Russo na época do grupo Aborto Elétrico e lançada pelo Legião Urbana. A letra da música aponta para o sentimento de revolta frente ao projeto político-econômico excludente, levado adiante pelo governo federal.

Em 1982, a censura ainda mostrava suas garras. O primeiro LP do grupo Blitz, intitulado *As aventuras da Blitz*, marca inaugural do rock dessa década, teve duas músicas censuradas. A gravadora inutilizou essas faixas do disco, riscando-as de forma manual. Na esteira da Blitz, aparecem diversos grupos e cantores que renovariam a cena do rock nacional

na década de 80: o já citado Legião Urbana, Barão Vermelho, Titãs, Os paralamas do sucesso, Capital inicial, Plebe rude, Ultraje a rigor, Kid Abelha, Lobão, Cazuza, etc.

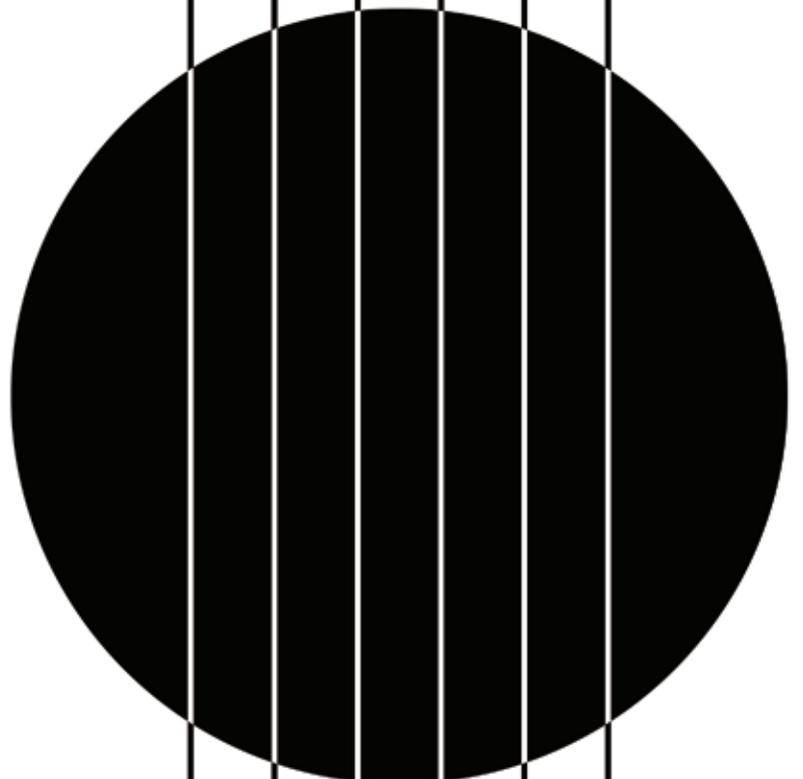
Milton Nascimento e Wagner Tiso desenham o ideal libertário juvenil com “Coração de estudante”. A música de Wagner Tiso fez parte da trilha sonora do filme *Jango*, de Sílvio Tendler. Posteriormente, Milton colocou letra na composição, lembrando-se do estudante Edson Luís, que fora morto pela polícia, em 1968, e também da flor Coração de estudante, bastante comum em Minas Gerais. Em 1984, a canção tornou-se uma espécie de hino dos comícios pelas “Diretas já!”.

Chico Buarque participa ativamente da campanha pelas eleições diretas. No período, lança “Pelas tabelas” e “Vai passar”. Com esses trabalhos, o compositor nos mostra a energia popular contagiante, condensada nos sambas que anunciam um novo tempo. Mesclando utopia, luta e imaginação estética, a MPB configurou-se como modalidade discursiva onde os projetos, mesmo individuais, caminhavam na estrada comum das parcerias, dos movimentos, dos grupos, do diálogo com outros gêneros e outras artes.

A música popular, com sua resistente alegria – aliada diversas modalidades de questionamento, a requintadas elaborações poético-musicais – revela-se detentora de uma “gaia ciência”, de um saber alegre, transformador. Finalizamos o texto lembrando-nos de João Cabral de Melo Neto, para quem: “Um galo sozinho não tece a manhã:/ Ele precisará sempre de outros galos./ (...) Para que a manhã, desde uma teia tênue,/ Se vá tecendo, entre todos os galos.” Em diálogo com os cantos dos galos em Cabral, os cantos da MPB revelaram-se como arma artística e política essencial na busca pela luz que morava dentro da noite escura.

RONIERE MENEZES

é doutor em Literatura Comparada pela UFMG e professor do CEFET-MG. Em 2011, lançou, pela Ed. UFMG, o livro *O traço, a letra e a bossa: literatura e diplomacia em Cabral, Rosa e Vinicius*.



não tente gostar
de Brasília
tão rápido assim

blocos de verdade
sobrevivam
superquadras
imaginárias

superquadras
à procura
de uma cidade

ideias enfileiradas
se repetindo ao longo
de uma linha imaginária

mas o que vejo
são esqueletos
de superquadras desossadas
onde blocos fossilizados
esperam datação

cidade branca
mediterrânea lagoa
admiração solar

linhas cenozóicas
riscos paleozóicos

era dos burocratas

as superquadras
quando soterradas
respiram
pelos cobogós

narinas fragmentadas
pelo ar despedaçado
dos alvéolos quadrangulares

esqueça o poema
e me dê um abraço

meus pulmões
aos cacos
na cidade
que respiro
pelos olhos

anunciaram a utopia
mas foi Brasília
que apareceu

o que mais
te fascina
em Brasília?

a cidade ou o poder?

o céu

já é Brasília?
não
apenas a sensação

A TEUS PILOTIS

antes de Brasília
houve
infinitas outras

sagradas e malditas

profanadas, soterradas
e reconstruídas
sobre estas sete:

sodoma
gomorra
herculano
pompéia
hiroshima
nagasaki

canudos

por onde vaga
a alma de Brasília?

procurando uma vaga
para estacionar a alma

fui o primeiro a chegar
em 1957 disse o candango

eu já tô aqui
há uns 200 anos
disse o sertanejo

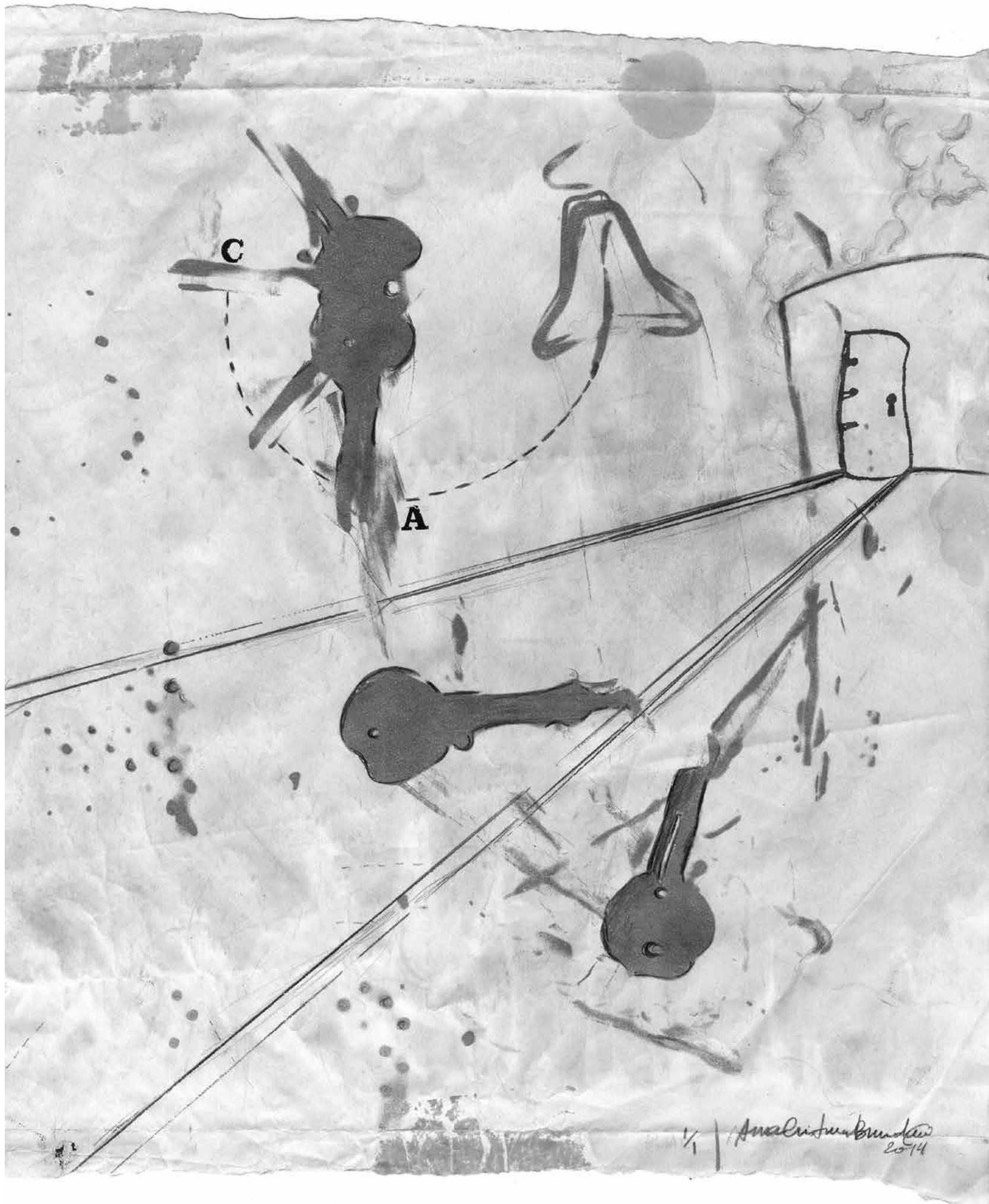
sou o índio
ganho de todos

ganha não
eu sou a pedra

NICOLAS BEHR

é mato-grossense de Cuiabá, mas mora em Brasília há 40 anos. É autor de *logurte com farinha*, mimeografado, 1977, e *Laranja Seleta - poesia escolhida - 1977-2007* (Ed. Língua Geral).

Ana Cristina Brandão



O corredor

CONTO DE CRISTINA GARCIA LOPES

Fazia algum tempo que meu pai havia voltado. Passara alguns meses desaparecido, fora da cidade. Minha mãe dizia que ele fora procurar trabalho em outro lugar, mas seu olhar ansioso a denunciava. Eu e meus irmãos, no início, nada entendíamos. Depois, com o tempo, começamos a perceber que havia algo de aterrador naquelas longas ausências, algo que seria melhor não sabermos. Assim, escolhemos nada perguntar. Sabíamos que não haveria resposta, que nossa mãe jamais nos diria. Crescíamos, então, com a dúvida. E, por convivermos desde cedo com aquela interminável expectativa, festejávamos cada retorno de nosso pai como se fosse definitivo.

Houve uma época em que ele ficou entre nós por um longo tempo. Chegamos a pensar que nunca nos deixaria de novo. Nossa mãe tinha uma expressão nova no rosto, algo misturado à esperança. E nós, os filhos, procurávamos agradá-lo como podíamos, como se de nosso comportamento e de nosso afeto dependesse a sua permanência.

Eu o seguia para onde ele fosse. Era a filha querida, a sua predileta. Sentava-me à sua frente na hora do almoço, olhava-o comer com atenção. Gostava de ver como ele levava cada bocado de comida à boca, observava o prazer em seu rosto enquanto comia. Seu olhar para mim era terno, bondoso. Sempre. Às vezes, parava de comer, olhava-me profundamente nos olhos, e acariciava meu cabelo sem nada dizer, apenas observando-me com uma doçura incomum.

Naqueles dias, eu acabara de completar treze anos. Ele chegara pouco tempo depois. Dizia que me daria um presente, quando pudesse. Então aconteceu de organizarem a excursão, no colégio. Uma colega de sala chegou com a notícia. Era uma viagem para o litoral e iríamos ver o mar pela primeira vez. Todos os nossos amigos da escola iriam e eu não poderia faltar. Respondi apenas: “vou falar com o meu pai”. Dentro de mim, já previa a resposta.

Falei com ele. Expliquei que era uma excursão organizada pelo colégio, que os professores também iriam. Apenas dois dias na praia e já estaríamos de volta. Todos os outros pais já haviam concordado. A diretora da escola esperava pela minha resposta. Alice iria, a minha melhor amiga. Eu tinha que ir, de qualquer jeito.

Meu pai ouvia, olhando-me com ar de piedade. Depois perguntou: “quanto é?” Eu respondi o que sabia. Ele deu um sorriso forçado, abainhando a cabeça. “Não é muito, mas você sabe, as coisas estão difíceis e, depois... não sei se vale a pena gastar isso com uma viagem.” Minha mãe foi incisiva, impiedosa: “não temos dinheiro pra isso”.



Eu me calei. Estava já acostumada àquela situação. E fui para o meu quarto, inconformada. Meu pai foi me consolar. Disse que tentaria algo, que eu esperasse até amanhã. Era o que ele dizia sempre, eu já sabia. Ainda assim me animei, imaginando que, talvez, ele realmente conseguisse dessa vez. Um pensamento ruim me percorreu, mas dissipou-se logo ao ver o rosto dele tão calmo, com a expressão serena de sempre.

No outro dia, assim que cheguei do colégio, ele me chamou. Disse para me arrumar, que iríamos sair. Senti-me feliz. Um estranho orgulho me invadia ao sair com o meu pai, andar ao seu lado pela rua. Uma vaidade inexplicável. Aguardava por esse momento, sempre, ansiosa.

Sáímos os dois. Meu pai ia em silêncio, apreensivo, segurando a minha mão com força, de um jeito novo, diferente. Ia pensativo, enquanto eu falava. Uma emoção imensa me dominava. Enfim, eu veria o mar pela primeira vez. Meu pai já tinha visto o mar de perto. Uma vez me disse que era uma coisa imensa, tão grande que dava medo.

Enquanto ele caminhava em silêncio, algo doía em mim, não sabia bem o quê. Junto ao orgulho e à alegria de estar com o meu pai, algo me entristecia, me causava estranheza. Eu nunca o vira assim, naquele silêncio mórbido, ele sempre tão falante e alegre. Era visível que algo diferente acontecia.

Fomos ao centro da cidade. Paramos em frente a um velho prédio, de fachada desbotada, com impressão de abandono. Meu pai olhou-me nos olhos, rapidamente, depois disse: “vamos subir”. E eu o segui sem dizer nada.

O interior daquele prédio tinha a mesma aparência desbotada da sua fachada. Velhas portas de madeira, paredes meio descascadas, de pintura antiga. Subimos por uma velha escada, que conduzia a andares meio escuros, um tanto sombrios. Não entendia o que iríamos fazer ali, nem ousava perguntar. Observava apenas o olhar do meu pai, seu semblante franzido, a visível apreensão.

Chegamos a um andar um pouco mais claro que os anteriores, mas com o mesmo ar sombrio. Um longo e estreito corredor abria-se para várias salas, todas de portas trancadas. Senti um arrepio me percorrer. Perguntei ao meu pai o que faríamos ali. Ele disse apenas para que eu não tivesse medo. Depois pediu para que eu me sentasse em um degrau da escada e aguardá-lo. Olhava para uma das portas, ao final do corredor, com uma expressão indefinível nos olhos. Ficou algum tempo fitando aquela porta, e disse-me por fim:

– Tem uma pessoa aqui que sempre me ajuda a arranjar algum dinheiro quando preciso. Vou ver se consigo com ele, mas você vai voltar para casa sozinha. Te dou o dinheiro e você volta, eu vou demorar um pouco por aqui.

Depois completou:

– Vai direto pra escola e dá o dinheiro pra diretora, depois vai pra casa. E não diga a ninguém onde estávamos, nem mesmo pra sua mãe...

A ideia de guardar um segredo com o meu pai me animou um pouco. Por um instante, meu espanto cedeu espaço a um tipo de sentimento novo que só mais tarde eu poderia nomear, algo próximo talvez à coragem. Senti-me capaz de dividir a mesma história, de estar junto dele em suas viagens misteriosas. Éramos agora como personagens de uma mesma trama que se iniciava ali. Senti vontade de dizer “agora somos dois, dividimos o mesmo segredo”. Mas as palavras não saíam. Eu apenas olhava para o meu pai sem nada dizer. Por dentro, aquele misto de coragem e espanto. Então fiz como me ordenou, sentando-me em um degrau da escada, em silêncio. Não havia nenhum outro som naquele corredor além dos passos dele.

Fiquei vendo-o se aproximar daquela porta, a última ao final do

corredor. Ouvi-o bater. Antes que alguém atendesse, fez sinal para que eu não me mostrasse. Obedeci, escondendo-me atrás do vão da escada. Ainda assim, pude ver quando um homem alto, de cavanhaque no rosto, veio atender. Olhou para o meu pai um tanto surpreso, depois deu um sorriso sarcástico:

- Você por aqui, Jorge, depois de tanto tempo...

Ouvi uma espécie de risada curta, meio abafada, seguida de algumas poucas palavras, “você tem mesmo coragem, rapaz”. Era ainda o homem de cavanhaque. Ele colocou a mão pesada sobre o ombro do meu pai, como se o puxasse para dentro. Ouvi a porta ser trancada após os dois. Meu coração batia desesperado, tive vontade de correr até ele. Lembrei-me da minha mãe, de sua aflição, das noites em que não dormia, andando pela casa por toda a madrugada, esperando notícias. Pensei em ir pra casa, em chamá-la, mas algo me fazia ficar. Achava que devia esperar como ele pedira; afinal eu era, agora, sua cúmplice. Era comigo que ele estava dividindo parte dos seus segredos.

O tempo passava enquanto eu permanecia com o olhar preso naquela porta. Esperava por um sinal que me dissesse que era hora de entrar ou de ir embora. Sentia medo, mas aquele sentimento de cumplicidade me mantinha desperta. O tempo passava e a minha ânsia se tornava cada vez maior, quase insuportável. Foi quando vi o outro homem subindo as escadas.

Era um homem mais jovem do que o primeiro, e um pouco mais baixo, mas tinha no rosto o mesmo olhar sarcástico. Pareceu espantado quando me viu, no alto da escada, sentada no último degrau. Perguntou-me o que fazia ali. Disse estar esperando pelo meu pai. Ele acabou de subir a escada e ficou, por algum tempo, parado à minha frente. Meu corpo estava paralisado de medo. Depois olhou em direção à porta por onde meu pai entrara e fez um sinal para mim de que entendera. Sorri de forma ameaçadora, inexplicável.

Percebi que ele também esperava por algo ou alguém que viria daquela mesma porta por onde meu pai entrara. Parou diante dela e permaneceu em pé por algum tempo. Depois se sentou em um pequeno banco ao final do corredor. Tirou depois alguns papéis do bolso e parecia conferir alguma coisa, enquanto assobiava alto uma canção antiga, um assobio afinado e ensurdecador, que parecia tomar todo o ambiente. De vez em quando, lançava para mim um olhar estranho, ofensivo. Seus olhos me percorriam, inquisidores. Eu me sentia queimar por dentro. Minha vontade era correr, chamar o meu pai, mas tentava vencer o medo. Tinha que me manter em meu posto, como ele ordenara.

Com o olhar fixo em direção àquela porta, eu tentava me manter atenta. Não era mais pelo dinheiro, ou pela viagem; tudo isso agora parecia pequeno. Era pelo meu pai que eu estava ali, para ser parte da sua história e do seu segredo. Mesmo que ele nunca soubesse o tamanho do medo que me assombrava, enquanto esperava que algo acontecesse. Mas nada acontecia, nada além do olhar daquele homem sobre mim. Em um determinado momento, ele se dirigiu a mim com estranha naturalidade:

- Como se chama, garota?

Eu disse o meu nome, assustada. Depois pensei que não devia ter dito. Meu pai, de certo, não aprovaria. Ele repetiu o meu nome de forma engraçada. Depois falou algumas coisas que não entendi. E continuou assobiando enquanto escrevia algo naqueles papéis. De repente, a porta se abriu e alguém lá dentro o chamou.

O homem de cavanhaque no rosto apareceu novamente. Ficou parado à frente da porta, segurando a maçaneta em uma das mãos. Tentei olhar para dentro da sala, mas não era possível ver nada, devido

à distância. O rapaz e o homem conversavam. Em um determinado momento, dirigiram um olhar para onde eu estava. O rapaz se virou em minha direção, com se viesse me buscar.

A visão daqueles dois olhando em minha direção foi o suficiente para que eu fosse vencida pelo medo. Decidi que deveria deixar aquele lugar. Não sei se viriam até mim, mas decidi não esperar. Levantei-me imediatamente e desci correndo pela escada, em uma velocidade de que não me julgava capaz. Foi com o peito arfando que passei correndo pela portaria. Um homem gordo, sentado à porta do prédio, olhou-me surpreso.

Parei de correr apenas do lado de fora, quando olhei para o prédio tentando adivinhar qual daquelas janelas seria a da sala onde o meu pai estava. Por instantes, pensei em voltar, em chamá-lo, mas lembrei-me do pavor que sentira. Continuei a correr pelas ruas, desejando apenas estar em casa, ver minha mãe, meus irmãos. Eu não era mais parte daquela história, era apenas alguém buscando amparo diante do perigo.

Cheguei em casa quase em pânico, mal conseguindo segurar o choro. Por sorte, ninguém me viu entrar. Não conseguiria contar à minha mãe e aos meus irmãos o que havia acontecido. Tranquei-me no quarto, sem que eles me vissem. Imagens aterradoras passavam por mim. Pensava em meu pai dentro daquela sala, com aqueles homens à sua volta. Era tudo muito estranho, assustador. E aquele misto de coragem e orgulho se fora. Sobrara apenas o medo, um medo imenso que parecia não caber no mundo. Passei o resto da tarde sozinha em meu quarto, em silêncio, não deixando que ninguém em casa percebesse o pavor que sentia.

Meu pai não retornou para casa naquela noite. Minha mãe me perguntou, aflita, se eu sabia onde ele fora. Disse que o tinha deixado em um prédio no centro da cidade e que ele me pedira para voltar para casa. Minha vontade era contar-lhe tudo, dizer que o vira entrar em uma sala onde um homem o recebera de maneira estranha, que tinha falado em conseguir dinheiro... Mas percebi a dor nos olhos de minha mãe, a velha aflição de sempre, e não tive coragem de contar o que sabia. Algo de ruim podia estar acontecendo, mas o que poderíamos fazer além de esperar que ele voltasse? Um estranho arrepio percorria-me outra vez. Naquela noite, nenhum de nós conseguiu dormir, mesmo que já acostumados aos desaparecimentos do meu pai.

Só no outro dia, logo cedo, fomos avisados. Um telefonema do hospital, para a casa de nossa vizinha, avisou-nos que ele sofrera um acidente de carro, mas passava bem. Fomos imediatamente vê-lo. Estava em uma cama de enfermaria, com vários hematomas no rosto e um braço enfaixado. Ainda assim, mantinha a aparência tranquila de sempre, o semblante calmo, o olhar terno quando se dirigia a nós. Olhou-nos como se pedisse desculpas, e dirigiu-se a mim enquanto falava:

– Estava no carro com um amigo e sofremos um pequeno acidente, mas não foi nada... Estou bem.

Minha mãe não perguntou muito, não quis saber mais detalhes. Já estava acostumada com essas histórias contadas por ele. Apenas disse, uma ou duas vezes, “devia ter avisado”. Os olhos claros do meu pai tentavam sorrir, enquanto eu procurava esconder dele as lágrimas dos meus. Ele chamou-me para perto e segredou-me ao ouvido: “não consegui o dinheiro, desculpe”. Uma dor aguda em meu peito me consumia, com uma estranha sensação de culpa. Minha mãe parecia ter entendido tudo. Lançou-me um olhar duro, depois suavizou a expressão e abraçou-me em silêncio, enquanto observava o meu pai.

No outro dia meu pai voltou para casa. Nós nos preparamos para recebê-lo, sempre com aquela esperança de que ele não iria mais embora. Chegou tranquilo, como se nada tivesse acontecido. Jamais comentou



sobre o que ocorrera. Somente disse-me, confidencialmente: “na próxima viagem, eu arranjo dinheiro para você ir”. E eu também não quis contar nada do que acontecera, sobre o medo que sentira, nem dizer que falhara em ser sua cúmplice, em me tornar parte de sua história. Mas agora, pelo menos, tínhamos um segredo. Eu aprendera sobre a existência de lugares sombrios, onde as coisas são feitas de um modo diferente, e para onde algumas pessoas precisavam ir como um último recurso. E, para isto, era preciso vencer o medo.

Lembro-me de ter ouvido, depois, meus colegas de sala contar sobre a viagem que fizeram. Até aquele momento, eu só poderia imaginar como seria poder se deitar na areia de uma praia, diante do mar, e ver as nuvens no céu mudando de formas, virando coisas, bicho, gente. Os desenhos de Deus. Essa visão do mar, antecipada em minha imaginação, me fazia pensar em um lugar seguro, onde o tempo passaria sem nenhum espanto e a vida correria de forma segura.

Não muito tempo depois, meu pai já recuperado, preparou-se para partir. Como das outras vezes, eu e meus irmãos lhe pedimos para que não demorasse a voltar. Mas nossos pedidos, mais uma vez, foram em vão. Ele se foi novamente e, por um longo período, não o vimos mais.

E eu continuei com os meus desenhos de nuvens, vendo as formas que elas tomavam, pensando em como seria o céu em outros locais, em outras partes do mundo. Ficava imaginando onde o meu pai estaria, talvez em algum lugar onde houvesse mar e o céu fosse muito claro, por onde as nuvens pudessem passar enfileiradas, como em um imenso corredor.

Eu sempre me lembraria daquela tarde em que saí com o meu pai, na tentativa de arranjar o dinheiro para a viagem. Também nunca me esqueceria do medo que sentira naquele lugar. Mas, de certa forma, aquele corredor sombrio me ensinara uma coisa. Agora eu sabia. De todos os filhos, era eu quem deveria segui-lo. Ainda aprenderia a vencer o medo e estaria pronta para ir a todos os lugares por onde ele andava, podendo, enfim, fazer parte de sua história. E assim ficava pensando enquanto esperava, me preparando em silêncio para quando chegasse o momento em que eu também tivesse que partir.

CRISTINA GARCIA LOPES

é mineira de Leopoldina. Formada em Nutrição pela Universidade Federal de Viçosa/MG, publicou, em 2004 o livro *O Continente e outros poemas*.

UM DIAMANTE DRUMMONDIANO

MARCOS CALDEIRA MENDONÇA



Itabira ganhou em maio um maço de edições centenárias do jornal Correio de Itabira, presente de minha tia Dalva Caldeira, de Santa Maria de Itabira. Se parássemos aí, já seria uma notícia localmente ótima, mas a boa-nova é universal, capaz de emocionar amantes da alta literatura. Entre os exemplares, está o 307, de 1º de novembro de 1902, que há 112 anos publicava a primeira notícia sobre o tão noticiado Carlos Drummond de Andrade. Uma joia que atravessou incólume o século XX, venceu a primeira década do XXI e agora, graças à generosidade de minha tia Dalva, digo, de minha linda e querida tia Dalva, pertence a Itabira por meio de O Trem Itabirano.

O nascimento de Drummond, numa casa já demolida da rua das Flores, hoje Guarda-Mor Custódio, foi noticiado na capa do Correio de Itabira, com notas sobre aniversários e um batizado, sob a palavra parabéns em caixa-alta. Nessa notícia sobre a vinda do poeta à luz, o jornal, um semanário do governo municipal, agiu com se fosse diário: publicou em 1º de novembro um nascimento do dia anterior, 31 de outubro.

Observado o mandamento da pirâmide invertida, regra jornalística segundo a qual o fato mais importante deve ser citado primeiro, o bebê Drummond não foi a principal notícia entre os dois natalícios em Itabira publicados pelo Correio de Itabira 307.

O jornal priorizou outro: “O dia de ontem foi de alegrias para o lar de nosso prezado conterrâneo senhor José Alves de Castilho, por ter a excelentíssima senhora dona Maria Evangelina Sampaio de Castilho, sua esposa, dado à luz com felicidade a um menino”.

Só a seguir é que a gazeta informou: “Igual motivo de alegria teve o nosso amigo senhor Carlos de Paula Andrade pelo feliz successo de sua excelentíssima senhora dona Julieta Drummond de Andrade”.

CORREIO DE ITABIRA

ORGÃO DO GOVERNO MUNICIPAL

ANNO X

ASSIGNATURAS
Por anno 10\$000
Por semestre 6\$000
Publicações por linha 200

Cidade de Itabira, 1 de Novembro de 1902.

ESTADO DE MINAS GERAES

REDACTORES

Braz Martins da Costa Director
Jacyntho Martins de Figueiredo
Dr. Joaquim Pedro Rosa

N. 307

Congresso das municipalidades

Voltamos ao magno assumpto de pois que sobre elle já a opinião publica se manifestou, recebendo com justos applausos a noticia da futura convocação de um congresso dos agentes executivos em Bello Horizonte, para tratar os assumptos que interessam à vida dos municipios e ao progresso economico do Estado.

A fecunda idéa de S. Exa. o Sr. Dr. Francisco Salles foi com justa applaudida por todos os órgãos da opinião publica e por todos quantos estão convencidos de que a intervenção dos poderes publicos na questão economica é uma necessidade inadiavel, é um dever imperioso.

Sob o influxo dessa orientação profundamente democratica muito lucrará o nosso Estado em progresso e engrandecimentos.

E si fosse necessario justificá-la, falariamos de modo cabal com a opinião auctorizada do eminente Sr. Quintino Bocayuva, presidente do Estado do Rio, expendida na sua mensagem deste anno nos seguintes termos: «Os governos nesta parte do mundo, não podem, não devem permanecer alheios e indifferentes à sorte dos povos, privando-os subitamente do amparo, do auxilio e da collaboraçào, com que, por tantos annos regeram o seu movimento social acompanhando, dirigindo e commandando o trabalho, a iniciativa, os capitães, as empresas e os serviços uteis, que são as forças propulsoras do progresso, do engrandecimento e da prosperidade das nações».

Pois bem, a convocação do congresso dos agentes executivos é o primeiro passo do actual governo de Minas no sentido de realizar seu patriótico programma, attendendo a que, em contacto mais directo com as classes productoras, muitas medidas podem e devem praticar os governos municipaes depois de combinada uma orientação uniforme e de estabelecido um criterio seguro segundo o qual se possa attingir o fim collimado.

O congresso por exemplo, prestará relevantes serviços ao Estado, si accordar sobre os meios de praticar real e effectivamente as bases estabelecidas pela lei n. 2, quanto ao assumpto vertente e em grande parte logrará seus elevados fins, se a sua attenção a impor-

Estado se demonstra facilmente desde que se recorde o facto de já estar a Camara Municipal de Itabira, á semelhança da de Caethé, enfrentando o problema do augmento da producção, tendo para isso, sancionada, uma lei de premios aos productores, de accordo com as necessidades peculiares ao municipio, com o intuito de estimular o desenvolvimento de nossa lavoura e de nossas industrias.

Muito esperamos do Congresso das Municipalidades, que, essencialmente pratico como será, em suas medidas e resoluções, procurará encaminhar sua attenção no sentido de adaptar ao nosso meio economico e cultural não os processos seguidos nos paizes da antiga civilização, mas o systema que mais compatível seja com um Estado novo como o nosso, cuja existencia se tem esboçado á revella dos poderes publicos, sob o despotismo do regimen colonial, a principio, sob o regimen centralizador, depois, e, finalmente sob o regimen da ampla autonomia municipal, mal comprehendida por muitos e por quasi todos praticada ainda.

Depois do Congresso das Municipalidades, outros serão convocados de industrias, lavradores e commerciantes para tratarem de questões que interessem suas classes e que reclamem a attenção dos poderes publicos.

Portanto o actual Governo de Minas vai impor-se á estima publica, dada a patriótica attenção com que procura enfrentar uma das mais elevadas missões dos poderes publicos sob o regimen democratico, isto é, a de desenvolver as forças latentes do Estado, manifestar as suas aptidões, cumprindo assim, na opinião de notavel escriptor a sua missão conservadora, consistente em guardar as conquistas do passado e progressista, consistente em animar e impulsar as conquistas do futuro, protegendo e estimulando a iniciativa dos particulares, nos limites em que for possível a benefica intervenção do Estado.

PARABENS

No dia 18 do mez passado passou o aniversario do Sr. Socrates Pereira.

Baptisou-se no dia 28 do p., a innocente Maria, filha do Sr. Antonio Antra-le Martins da Costa.

A 29 do passado completou mais uma primavera em sua preciosa existencia, a senhorita Bilcos Drumond, genil filha do Dr. Rodolpho M. C. Drumond.

No dia 30 festejou o seu natalicio o Sr. Joaquim Custodio Martins da Costa.

Teu retrato

Trago-o commigo intimamente occulto
Bem junto ao coração; e a todo instante
Contemplo-o inebriado; e terno e amante
Rendo-lhe a sós em verdadeiro culto.

E muita vez o teu gracioso vulto
Sinto animar-se tremulo e radiante.
Como me prostro em extase, offegante,
De que prazer nasce momento exultante!

Si maguada te achares ou surpresa
Em tua meiga e virginal candura
Por esta confissão sem gentileza,

Chesca de graça, encanto e formosura,
Minh'alma arranca, tímida e indefesa
— Teu retrato terás já na moldura!

J. Cerre.

Defuncto Rousselot

Traduzido para o «Correio de Itabira»

(Continuação do n. 306)

O herdeiro está a trajado de lucto ceremonioso: terno preto, gravata branca e uma grande pasta de papeis embaixo do braço.

O Sr. Anatolio dirigia-se a casa do seu notario.

Sem duvida o Sr. João havia lhe fallado, porem sem nenhuma minudencia, pois elle caminhou directamente para a moça com os modos de um homem plenamente resolvido a nada ceder de seu direito, e com ar quasi protector foi que lhe disse: «Senhora, conheço vossa posição; comprehendo vossa dor... e, se bem que o testamento esteja em boa forma (frizou intencionalmente essas duas palavras), crede entretanto que tudo que puder depender de mim... Assim Senhora, me offereço a continuar a pagar a pensão no convento.

Agradeço-vos, respondeu simples mas dignamente a moça. Só se paga no convento para aquellas que não se destinam a ficar e eu reentrarei esta tarde para não mais saber.

—Senhora...

—Não vos canceis de procurar mudar-me de resolução: ella é irrevogavel... Não sou mais pensionista agora: sou noticia e como tal de nada mais preciso.

Prospero parecia atterrado, e ficaria multissimo embaraçado si se lhe perguntasse porquê.

Quanto a Anatolio, um raio de satisfação illumina-lhe o olhar, que de novo, diplomaticamente se velou.

«Crêde-me tem, applicou, crêde-me Senhora, que eu sinto nada poder fazer para vos ser agradável... absolutamente nada.

Itabira, 28 de outubro de 1902.

Illmos. Srs. eleitores

Tendo de proceder-se no dia 15 de novembro proximo à eleição para senadores e deputados estaduais, vimos a sua presença pedir-lhes o seu comparecimento e deseji o emprego de toda a sua influencia para que a chapa recommendada pela Comissão Executiva do Partido Republicano Mineiro, seja sustentada na sua integridade como se faz necessario, a fim de ficarem exuberantemente provadas a força e união do partido neste municipio.

A eleição de que se trata ligamos nós, signatarios da presente circular, summa importancia, pois não desconhecemos que o abandono das urnas ou a sustentação de candidatos não incluídos na recommendação, podendo passar como factos innocentes, são o meio mais seguro de combater o Directorio Politico e a Camara Municipal de Itabira, dos quaes fazemos parte por escolha livre do eleitorado independente deste municipio, cuja confiança nos ufanamos de não haver desmerecido.

Certos de que V. S.ª, por si e por intermedio de seus amigos, concorrerão para a victoria dos candidatos por nós recommendados, affirmamos-lhe a plenitude de nossos sinceros agradecimentos.

Somos com subida estima e consideração

De V. S.ª

Amos correligionarios e

amigos

José Baptista Martins da Costa
Ezequiel Baptista Pereira
Luiz Camillo de Oliveira Penna
Dr. Joaquim Pedro Rosa
José Casimiro Drumond
Jacyntho Martins de Figueiredo
João Camillo de Oliveira Torres
João Gomes da Cunha
Olyntho Gomes da Silva
Miguel Alves de Araujo
José Penna da Silva Torres

me parecerá que o primo Matheus ainda existe para mim e não serei completamente só no mundo.»

Nada mais encantador que Irene pronunciando estas palavras que pareciam dever ser o ultimo adeus à vida. Sua attitude, seu olhar, seu sorriso, tinham qualquer coisa de angelico; dir se-ia que sua piedosa resignação a levava já para o Céu. Prospero olhava e a admirava em silencio; Anatolio com custo occultava a satisfação de estar quite por tão pouco.

Chamou immediatamente Sebastião e mandou-lhe buscar a toda pressa o retrato do defuncto Rousselot.

A esta ordem Sebastião pareceu estupefacto a principio, depois riu-se e sem nada dizer, desapareceu.

«Não te esqueças de ver si o carro está prompto! lhe disse o herdeiro. Parto agora mesmo para Cherbourg.»

O artista tinha chegado pouco a

REGISTRO DA CIDADE

Chegaram os Srs. Casimiro Andrade e Exma. Família, José Baptista, sua Exma. Sra. e sua Exma. Filha Sra. D. Bernardina de Caux e as moças Maria do Rosario e Louise de Caux; Exma. Sara. D. Anna de Andrade Cruz, José Carlos de Andrade, Theophilo Augusto da Silva, Francisco Augusto Gonçalves, agente dos Srs. Machado, Estacio & Cia. commissarios e consignatarios estabelecidos á rua dos Benedictinos n. 17, no Rio; Euzébio Cabral da Fonseca, Caetano Martins da Costa, Jonas Belisario de A. Vianna, e José de Araujo Silva.

Estiveram na cidade a Exma. Sra. D. Virgínia Augusta Lage e os Srs. Cel. José Bento Nogueira, Eloy Piate de Lacerda, Raymundo Cesario de Macedo, Joaquim Amaucio Perreira (de Casuarina), João Martins dos Santos, João M. de O. Gomide, Herculano Pereira de Mello, Pio Martins Guerra e Valerio D. Duarte.

Para Ccaes seguiram o Exma. Sra. D. Mariaans Gonçalves e os Srs. João e Luiz Gonçalves.

Falleceu no dia 7 do passado no

Portanto, o neném Drudru, ou Carlinhos, futuro imenso poeta, pegou carona na nota de nascimento do filho de José de Castilho.

Na sequência, o jornal completou: “Desejamos que os dois recém-nascidos sejam sempre causa de alegrias e orgulho para suas respectivas famílias”. Ah, se o redator soubesse...

A folha que inaugurou Drummond nos meios de comunicação trouxe também notícias políticas de interesse do Partido Republicano Mineiro, editais públicos, preços de rapadura, feijão, milho, toucinho e carne seca e anúncios de livros, manteiga, calçados, café e de compra de algodão. A publicidade de livros informou que os pedidos deveriam ser feitos a Brás Martins da Costa, fotógrafo que poucos anos depois de 1902 retrataria a criança Drummond ao lado de um triciclo.

O emocionante Correio 307 também ofereceu serviços de tipografia, parto, advocacia, selaria e farmácia, incluindo a Pharmacia Andrade, do avô paterno do poeta, Elias de Paula Andrade. “Promptidão, exactidão, asseio e modicidade em preços”, fazia seu comercial o vovô farmacêutico.

Nessa mesma edição, brilha pela conotação filantrópica um anúncio do médico itabirano Joaquim Pedro Rosa, pai do comerciante Joaquim de Campos Rosa, o sô Rosinha: “Médico e operador. Atende prontamente aos chamados para fora e dá consultas a qualquer hora. Grátis aos pobres”. Lindo.

Voltando à capa, logo depois da notícia do nascimento de Drummond o órgão itabirano publicou um poema intitulado Teu Retrato, assinado

por J. Cerre. Retrato, retrato... Em breve, viria outro, aquele que ficou famoso, o pendurado na parede, o que dói.

Estou sem coragem de afirmar que o exemplar do Correio 307 doado por minha tia é o único que sobrou, pois sempre haverá um só-tão atulhado para nos compensar com raridades a poeira que sopra em nosso rosto, mas estou perto da certeza de que não há outro. Somo à minha desconfiança a informação de que o museu itabirano e os poucos apreciadores locais de jornais velhos não têm esse diamante. O próprio Drummond não o tinha – aliás, ele só soube em 1982 de que fora noticiado um dia após nascer.

Esse exemplar do Correio que ganhei de presente é a fonte que rendeu um furo jornalístico à escritora Joana d’Arc Torres de Assis, publicado na edição 26 de O Cometa, em março de 1982. Foi ao ler os jornais de minha tia Dalva, em Santa Maria de Itabira, que Joana d’Arc descobriu a notícia do nascimento do poeta. Publicou-a em uma notinha, sob o título “Registro raro”, e se comunicou com Drummond. Dizendo-se feliz com o achado, ele respondeu que não sabia ter tão cedo começado a ocupar as páginas de um jornal.

O Correio 307 é meu, mas não quero essa preciosidade só para mim. Quero-a para Itabira, para Minas, para o Brasil, para o mundo. Será ensanduichada em bom vidro e ficará numa parede da redação de O Trem para fruição dos amantes da arte.

ENTROPIA

MARCOS PEDROSO

fantasma, anjo ou loucura
mesmo,
essas coisas viram pedras, vento sul
ou tristeza inesperada,
ninguém sabe,
foi com onze,
a janela de grades
o corredor onde prendiam os cachorros

eu adorava cuspir neles,
eles também, lambiam minha água

um dia
apareceu um anjo rastejando,
cuspi nele,
ele riu de mim,
os cães apavorados, dentro da casinha,
eu cuspi no anjo e ele ria de mim

não gostava daquilo,
joguei asas de maio para ele, ele não tinha asas,
esse anjo estranho,
ele não quis as asas, ele não ia embora,
gostava do chão,
ficava por ali, cuspi nele e ele ria de mim

um dia ele dormiu um pouco,
os cães avançaram, trucidaram o anjo
que rastejava,
achei bom, estranho, tive pena

depois, normal,
eu voltei a cuspir neles,
eles gostavam, os cães,
da minha água,
fidelidade é isso, eu acho,
água e cães
e comecei a chorar
pena do anjo que não parava de rir de mim

isso
era deus
ou foda-se
talvez
nunca sei, deus,

ninguém sabe
dessas coisas que nos mantêm

MARCOS PEDROSO

mineiro de Belo Horizonte, autor de *Recorte dos olhos, es-
tívais e acabou* e de poemas que integram a coletânea *Mais
infinito* (2011), tem um livro inédito de poesia, *Leve*.

Do amor dos homens pelos barbeiros

CONTO DE MARCÍLIO FRANÇA CASTRO

Sempre que nos encontramos, Cyro me estende a mão, faz uma reverência com a cabeça. Por alguns instantes, fica parado na minha frente – elegante, soberbo, olhando-me fixamente. Então pergunta, com um ligeiro tremor nos lábios, onde foi que cortei o cabelo. Isso não é novidade – a todos ele faz a mesma pergunta.

Talvez Cyro esteja um pouco confuso. Sua idade, como a minha, é avançada, e ele teve alguns problemas sérios; toma muitos medicamentos, não consegue se orientar sozinho. Os filhos pedem desculpas, dizem que o homem não está bem, que já não diz coisa com coisa, que não se deve dar bola para suas frases sem sentido.

Conheço Cyro desde criança. Fomos colegas de colégio, bebemos e viajamos juntos, trocamos cartas na juventude. Nunca nos afastamos inteiramente ao longo da vida, nem mesmo quando ele se casou. Tentando ver as coisas do ponto de vista dele, não posso deixar de lhe dar razão.

Uma das lembranças mais antigas que tenho é a de ir com minha mãe cortar o cabelo. Regularmente, uma vez por mês, ela me levava a um barbeiro no centro da cidade, o Hugo, que eu imaginava ser o melhor, talvez o único capaz de acertar. Recordo-me da cadeira metálica, da tábua que ele punha no assento para eu ficar mais alto diante do





Samuca Martins

espelho. Durante um longo período, as coisas seguiram assim, e Hugo se tornou uma daquelas personagens intocáveis que dão realidade à infância. O futuro era então apenas o dia em que dispensariam aquela tábua e eu seria autorizado a assentar diretamente na cadeira.

Algum tempo depois, mudamos de bairro; acabei mudando também de barbeiro. Já não sei se minha mãe me acompanhava ou se eu ia sozinho. O novo sujeito, mais jovem, introduziu um corte diferente, que deixava as orelhas de fora. Foi o sinal de que a infância havia terminado.

Costumo crer numa ligação íntima entre os homens e os barbeiros – uma aliança que só deveria ser quebrada em caso de guerra, cataclismo, revolução. Ao entrar para o serviço militar, senti que tinha chegado a um desses extremos, e procurei um desconhecido para raspar-me a cabeça. Foi também nessa época, acho, com uns dezessete ou dezoito anos, que tomei minha primeira dose de uísque e tive os primeiros pensamentos sobre a morte. Tornei-me frequentador de uma nova casa – discreta, burocrática, só para adultos –, o salão do Reis.

Durante trinta anos, cortei o cabelo com o Reis. Considerava-o uma espécie de anjo ou comparsa que devia ser visitado de tempos em tempos. Eu chegava em silêncio, assentava-me na poltrona, abria o jornal. Ele fazia o serviço, eu pagava e ia embora. Praticamente não conversávamos. Um dia, quando o corte já estava quase terminando, notei que o sujeito no espelho – com a tesoura na mão – já não era o mesmo, e só assim me dei conta de que o Reis tinha morrido.

Há alguns dias, encontrei-me com Cyro no parque; a filha o conduzia. Como sempre, ele me abraçou, encarou-me com seu jeito vidrado. Vi seus olhos se avermelharem, cheios de água, mas ele não conseguia falar. Acalmou-se, sorriu. Veio a inevitável pergunta – onde é que eu tinha cortado o cabelo.

Levanto-me cedo todos os dias, entro no banheiro; em cima da pia, minha mulher mandou instalar um grande espelho. Lá estão meus cabelos lisos e frágeis, bem aparados na frente, nas laterais. As costeletas niveladas, sem falhas – um corte perfeito. Por um momento, ouço o barulho da tesoura; as mechas escassas caindo no chão, levando consigo as tardes e as noites. O barbeiro retira a túnica, limpa-me o pescoço e os ombros, retira os restos de fios. Mostra como ficou a nuca; respiro o cheiro de colônia. Ficamos os dois ali, olhando um para o outro através do espelho, como se fosse um duelo. Olho a mim mesmo de novo, estou de volta à minha casa, sozinho no banheiro.

Penso no Cyro, na pergunta que ele repete. Faço um grande esforço, tentando me lembrar. É verdade que, ao encontrar-me com meu velho amigo, sempre aguardo a pergunta – me dá alívio escutá-la. Seria terrível se, por algum motivo, Cyro não a fizesse. O problema – diante do qual me considero vencido – é que já não sou capaz de respondê-la, não sei respondê-la, nunca mais conseguirei respondê-la.

MARCÍLIO FRANÇA CASTRO

é mineiro de Belo Horizonte. Publicou, pela Editora 7Letras, os livros de contos *A casa dos outros* (2009) e *Breve cartografia de lugares sem nenhum interesse* (2011).

POEMAS DE MÔNICA DE AQUINO

1

A dama passava o tempo mandando cortar cabeças.
Espécie de princesa às avessas
era rainha de um castelo de cartas

ou projeção de uma menina
que, assim, mantinha a salvo a delicadeza.

Enquanto a outra ordenava, gritava, destituía
Alice variava de tamanho durante o dia

e percorria a estrada lógica até a encruzilhada –
de forma que qualquer caminho serviria.

Sem ver que era ela própria a rainha.

2

Ele só queria quebrar o gelo.

Não sabia que sob a pele havia um rio.

Tentou contê-lo.
Mas qualquer limite era crueldade.

Ou talvez, ao contrário
o corpo só precisasse de atrito

e as margens fossem, do rio
a verdade.

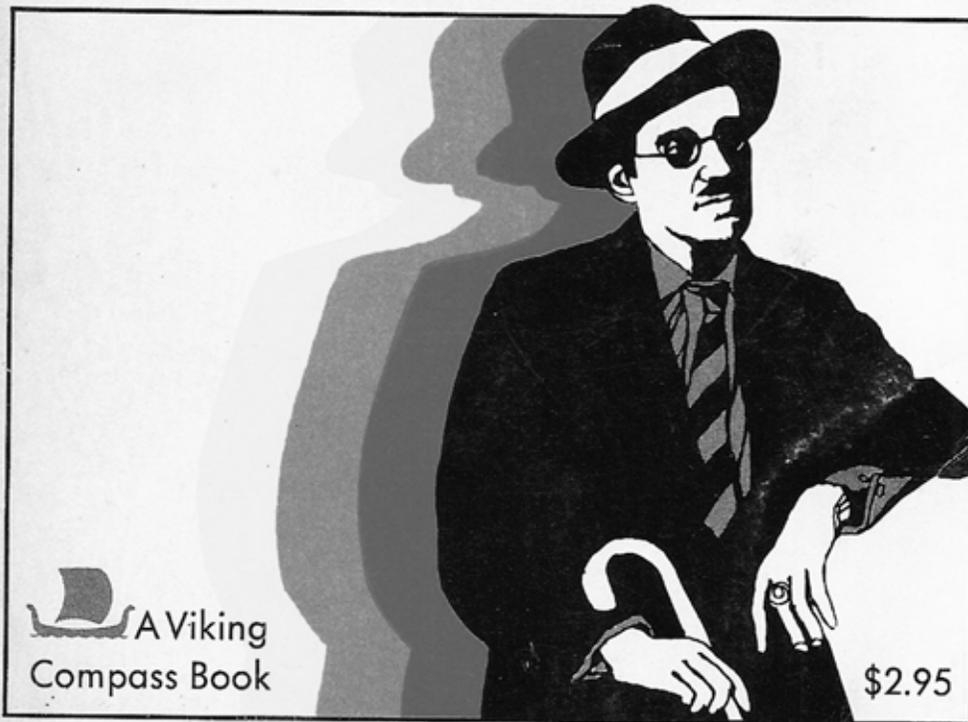
MÔNICA DE AQUINO

mineira de Belo Horizonte, é poeta, escritora, especialista em projetos editoriais e autora do livro *Muitos jeitos de contar uma história* (Editora Miguilim, 2014).

JAMES JOYCE

Finnegans Wake

Embodying all author's corrections



 A Viking
Compass Book

\$2.95

O nonsense em *Finnegans wake*

DIRCE WALTRICK DO AMARANTE

Quando James Joyce (1882-1941) se mudou para Paris com sua família em 1920, a capital francesa era o centro vital dos modernistas. Joyce influenciou as novas tendências literárias dessa época e também se deixou influenciar por movimentos como surrealismo, dadaísmo, cubismo etc. *Finnegans wake* (1939) nasceu sem dúvida sob esse impulso experimental, mas o que eu gostaria de enfatizar aqui é que o referido romance igualmente incorporou com proveito a tradição literária de língua inglesa, e, nesse sentido, é grande sua dívida para com o nonsense, tal como este foi praticado por escritores da Inglaterra vitoriana. Diante disso, pode-se afirmar, como o fazem os especialistas, que um dos cerne do modernismo europeu e um dos princípios da escrita posta em prática por Joyce em *Finnegans wake* é justamente o nonsense. Acredito então que o problema da estabilidade e da instabilidade no romance joyciano não poderia mais ser discutido sem levar em conta também, ou sobretudo, a herança nonsense que Joyce conhecia profundamente e que incorporou no seu romance.

Segundo Elizabeth Sewell, o nonsense “é um jogo no qual as forças da ordem, na mente, disputam com as forças da desordem, de modo que elas possam ficar em suspenso”. Quando

se lê *wake*, é exatamente isso que desconcerta o leitor, a ordem e a desordem são forças equivalentes. Lemos algo que parece, a princípio, não fazer sentido nenhum, mas, à medida que a leitura avança, percebemos que há na frase um certo ordenamento, uma lógica evidente, de modo que ficamos perplexos entre a estranheza e a identificação, como se a escrita de Joyce, como diria Myriam Ávila a respeito do nonsense, ao mesmo tempo nos dissesse respeito e não dissesse respeito a coisa alguma.

A inexistência de um ponto de repouso entre presença e ausência de significado, a instabilidade da lógica e instauração da dúvida, que constituem o núcleo do nonsense, estão atuantes também em *Finnegans wake*.

No livro *The books at the wake*, James Atherton dedica um capítulo ao estudo da influência do escritor inglês Lewis Carroll, um dos pais do nonsense vitoriano, sobre o último romance de James Joyce. De fato, entre a obra de Carroll e a de Joyce as afinidades são muitas, e afirmar isso não é novo, é, ao contrário reiterar aquilo que os estudiosos mais atentos já vislumbraram. O errôneo, a meu ver, seria ignorar esse diálogo entre ambos os escritores.

Humpty Dumpty, personagem de uma canção infantil e um dos protagonistas de *Através*

do espelho, de Carroll, é citado no *Wake* e poderia muito bem ilustrar o propósito da escrita de Joyce.

A própria figura do Humpty Dumpty é desestabilizadora: ele é um ovo que não é um ovo propriamente dito. No livro de Carroll, Humpty Dumpty diz à menina Alice: “meu nome significa o meu formato... aliás um belo formato. Com um nome como o seu, você poderia ter praticamente qualquer formato”. Humpty Dumpty introduziu, nessa passagem, a questão do isomorfismo fundo-forma, tão óbvio em *Finnegans wake*, basta citarmos, a esse respeito, o famoso capítulo VIII, que fala sobre rios e começa com o formato de um delta.

Ao mesmo tempo, esse isomorfismo parece arbitrário, tanto para Joyce quanto para Humpty Dumpty. Nem tudo tem o formato daquilo de que se fala: as gaiotas, ao final de *Wake*, poderiam fazer as palavras voarem aleatoriamente pelas páginas do livro, mas elas as mantêm organizadas na forma tradicional.

A questão do valor dos enigmas, que todo leitor de *Finnegans wake* conhece bem, também é tratada por Carroll nesse mesmo episódio de *Através do espelho*. Quando Alice faz perguntas, mesmo as mais óbvias, a Humpty Dumpty, ele as vê como enigmas a serem desvendados. É

assim que, ao final de um longo diálogo, o ovo fala: “Que enigmas absurdamente fáceis você propõe!”.

Os enigmas de *Wake* também podem ser absurdamente fáceis de resolver, ou não... Mais uma vez voltamos à estabilidade e à instabilidade do sentido nesse romance, que oferece, por isso mesmo, uma experiência de leitura sem igual na história da literatura.

Assim como o hermeneuta Humpty Dumpty, Joyce, quando usa as mais estranhas palavras no *Wake*, parece querer que elas signifiquem exatamente o que ele quer que elas signifiquem, “nem mais nem menos”, como diria o ovo de Carroll. Mas quando Alice alega que, no entanto, as palavras podem significar muitas coisas diferentes, Humpty Dumpty conclui que, na realidade, dizemos o que dizemos, “resta saber quem você é e está tudo resolvido”. Abre-se, assim, a possibilidade de uma leitura infinita, embora finita para cada leitor.

A respeito do infinito, o romance de Joyce é circular, a última frase dele remete à primeira e assim recomeçamos infinitamente a sua leitura. Cabe lembrar que o romance *Sílvio e Bruno*, de Carroll, também apresenta essa estrutura circular, que, como se verifica, não é nova na literatura de língua inglesa.

A circularidade é uma característica também dos limeriques de Edward Lear, contemporâneo de Lewis Carroll, cuja influência na obra de Joyce mereceria estudo mais atento. Nos limeriques de Lear, o último verso remete ao primeiro e assim infinitamente. Além disso, as ilustrações desses versos, de autoria do próprio Lear, criam um curioso espelhamento, multiplicando pessoas e situações, como se fossem infinitas.

Cabe lembrar ainda, voltando a Carroll, que Humpty Dumpty recita a Alice um poema sem

final, o que deixa a menina perplexa. O ovo simplesmente afirma: “Acabou, até logo”. Parece-me que é assim que Joyce também se despede dos leitores de seu *Wake*.

Talvez o elemento mais importante do diálogo literário entre Joyce e Carroll sejam as palavras-valise e os trocadilhos, ambos tão presentes na obra de Carroll e reutilizados com radicalidade por Joyce. O estilo do último Joyce talvez não existisse sem a incorporação dessa herança do mestre inglês. Tais jogos verbais partem de uma estabilidade semântica para chegar a uma multiplicidade de significados que geram a instabilidade.

É Humpty Dumpty quem explica a Alice o significado das palavras-valise (termo cunhado por Carroll), as quais trazem pelo menos dois significados numa só palavra. Joyce construiu palavras-valise muito mais complexas do que essas e trazem às vezes sentidos contrários, “laughtears” (lágrimas-sorriso), por exemplo, e é aí que chegamos ao paradoxo, outro recurso lógico do romance. Segundo Gilles Deleuze, “a força do paradoxo reside em que eles não são contraditórios, mas nos fazem assistir à gênese da contradição”. Os paradoxos são, para Deleuze, “a subdivisão ao infinito (sempre passado-futuro e jamais presente).”

Por fim, concluiu o filósofo francês, o paradoxo nos leva a duas direções, sendo contrário ao bom senso e ao senso comum.

Alice parece ter razão ao afirmar, depois de longa conversa com Humpty Dumpty, que é bastante difícil “fazer uma palavra significar”. Cabe então ao ovo admitir que “são temperamentais, algumas... em particular os verbos, são os orgulhosos... com os adjetivos pode-se fazer qualquer coisa, mas não com os verbos ... contudo sei manobrar o bando todo! Impenetrabilidade! É o que eu digo”.

A respeito da significação das palavras, Humpty Dumpty dá o seguinte conselho a Alice: “cuide dos sons que as palavras cuidarão de si mesmas”. É praticamente o mesmo conselho de Joyce aos seus leitores: “quando estiver em dúvida, leia em voz alta”.

Parece-me que Joyce buscava fazer uma obra total, muito próxima, num certo sentido, à poesia “primitiva” que influenciou grandes nomes da vanguarda, como Artaud, Breton etc. A letra e o som, o sensível e o inteligível, o passado e o futuro teriam o mesmo peso. Para Jerome Rothenberg, aliás, “primitivo significa complexo” e abarca “todas as margens da poesia canônica ocidental, tais como manifestações literárias e rituais diversos, sejam elas judaicas, negras, ciganas, ameríndias, ou mesmo no caso da poesia visionária de figuras como Blake ou Rimbaud”.

De acordo com Rothenberg, “é muito difícil decidir quais são precisamente os limites da poesia ‘primitiva’, uma vez que frequentemente não há nenhuma atividade diferenciada como tal, mas as palavras ou vocábulos fazem parte de uma ‘obra’ total maior que pode continuar por horas, até mesmo dias, numa direção. O que nós separaríamos como música & dança & mito & pintura também é parte dessa obra”.

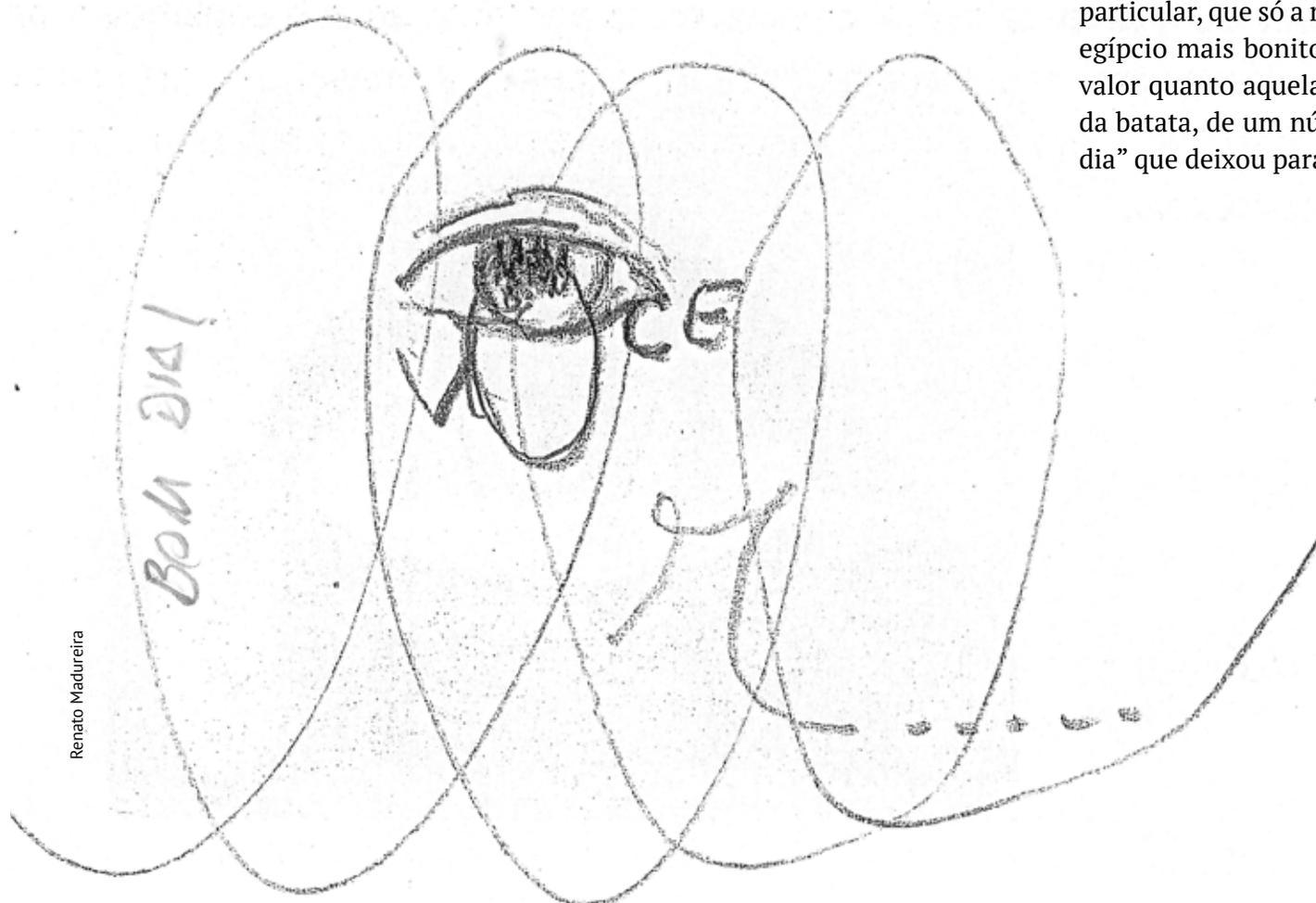
Parece-me que Joyce não sentia a necessidade da separação desses elementos, aliás, aproveitava-os todos, por tudo o que já disse acima. Por isso, talvez, uma leitura performática de *Wake*, tal como a que John Cage fez, soe tão eficaz e seja tão coerente.

DIRCE WALTRICK DO AMARANTE

é tradutora e autora de Para ler ‘*Finnegans wake*’ de James Joyce (Editora Iluminuras).

Contos de Rafael f. Carvalho

Uma simples assinatura, um bilhete, uma anotação qualquer em um papel em cima da mesa. Não só os meus olhos dizem de você. Conheço a forma de seu r e como suas demais letras são. Presto atenção quando você escreve, no movimento de sua mão. Sei como você começa, como sua mão percorre o espaço e o tempo, e me sinto superior à qualquer estudioso. Podem ser simples combinações de vogais e consoantes, para alguns. As formas de suas letras rivalizam com seu corpo: intensas, todas. Acho que sou versado em uma arte particular, que só a mim diz respeito. Nem o papiro egípcio mais bonito, mais importante, tem tanto valor quanto aquela anotação apressada do preço da batata, de um número de telefone, ou do “bom dia” que deixou para mim.

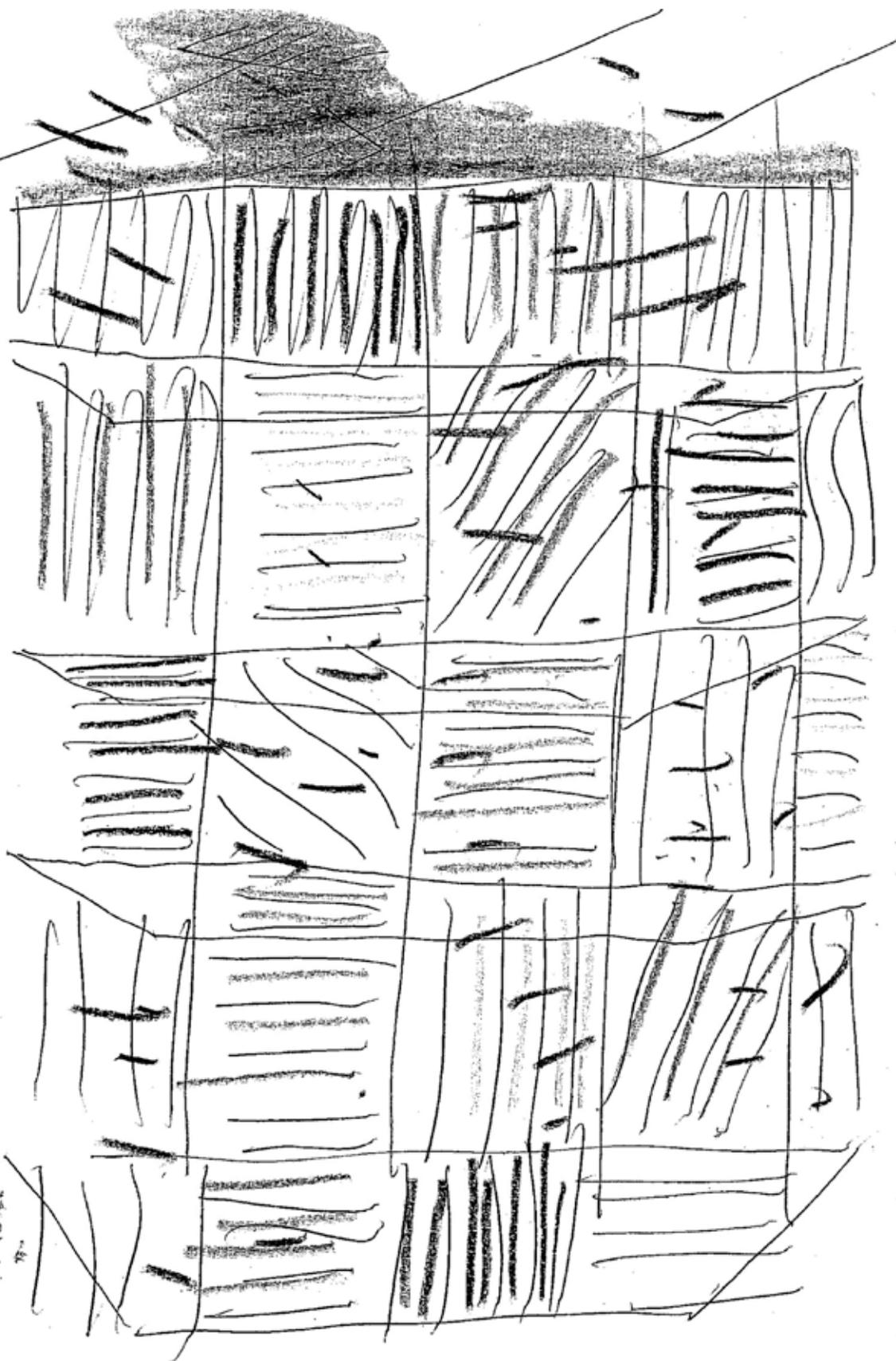


Renato Madureira

Renato Madureira Setembro 2014



Renato Madureira



Renato Madureira - Agosto 2014

Eu tenho uma estante de livros. A maioria deles não foram sequer abertos, mas eles sempre estiveram comigo. Podia tê-los jogado fora ou dar de presente. Os livros não eram meus, pertenceram ao meu pai e à minha mãe. Alguns eram mais velhos do que eu e eu briguei por eles. Sequer abertos. Peguei uma vassoura e uma pá para limpar atrás da estante e assim, desloquei-a, tomando cuidado para não deixar os livros cair. Demorei quase uma hora para movê-la, mas não consegui colocar de volta. Anos passaram e a estante deslocada permaneceu em seu não-lugar, no meio de tudo.

Quando eu era pequeno, houve uma terrível seca em nossa terra. Nenhuma planta sobreviveu, exceto a figueira. Nada mais cresceu, nem hortas nem outras frutas. Só podíamos cultivar figos, logo eu, que sempre detestara figos. Talvez fosse um castigo divino, uma vingança ou um aprendizado que deveríamos passar, mas só me lembro dos figos. Nem mesmo por necessidade eu conseguia gostar de figos. Com o passar dos anos minha família ficou conhecida pelos figos que produzíamos, vendemos figos para pessoas que vinham de lugares muito distantes. Eu aprendi a plantar, cuidar, proteger das pragas, colher, guardar e vender. Se perguntavam se ele era bom, eu dava um pedaço para experimentar, não tinha outro jeito de saber se eram bons. Todos gostavam e compravam sem mais perguntar. O único figo que comi foi um que não coube na cesta e fiquei com pena de jogar fora. Hoje tenho muitas figueiras e sou conhecido por aquilo que detesto.

Do livro *A Estante Deslocada*.



Renato Madureira

Renato Madureira - Agosto 2014

DE ARROZ



O papel da literatura é o papel de pão, a conta do supermercado, o recibo do cinema, a revista dos fatos da semana, o encarte do disco, o caderno da escola, o cartão de descontos, a prova do vestibular, a enciclopédia vendida na porta, a coleção de livros infantis, a nota do cartão de crédito, a cédula de dinheiro, a contracapa, a capa, a carta de despedida, o bilhete amoroso, o envelope, o voto da urna, a lista de compras, a lista telefônica, o rótulo da embalagem. O papel em que escrevo é tão bom quanto. Palhas de arroz.

Do livro *A Cor do Sal*.

RAFAEL F. CARVALHO

é paulistano e autor dos livros *A cor do sal* (Editora Patuá, 2013) e *A estante deslocada* (Editora Patuá, 2011). Foi publicado em antologias de novos escritores e em jornais universitários, e é formado em Letras pela Universidade de São Paulo.

POR UMA LÍNGUA BRASILEIRA:

ACORDO ORTOGRÁFICO TENTA ABOLIR "Ç", "CH", "H" E "SS"

MÁRCIO ALMEIDA

Os limites de minha linguagem significam os limites de meu mundo.
(Ludwig Wittgenstein)

Eu não escrevo em português. Escrevo eu mesmo.
(Fernando Pessoa)

Sempre fui medíocre em relação ao domínio da língua portuguesa, mas comparado à matemática sou um poeta.
(Lucas Magno Cardeal)

Isso, posso, passo, você - língua portuguesa lxo, poxo, paxo, voxe - língua merdequesa.
(Hermógenes Constantino)

Português mal dizido ninguém correge.
(Thiago Anchieta)

Americanos não usam camisetas com frases em português.
(Marco Adolpho)

A obrigatoriedade da nova ortografia, que resulta do acordo entre os países de Língua Portuguesa, mas vigorando em caráter facultativo desde 2009, foi adiada até 31 de janeiro de 2015. Isso porque, agora, senadores como Cyro Miranda (PSDB-GO), Cristovam Buarque (PDT-DF), Ana Amélia Lemos (PP-RS) e Lídice da Mata (PSB-BA), entre outros, entendem a necessidade de extinguir do vocabulário linguístico as letras "ç", "ch", "h" e construções com dois "s", com o objetivo de substituir a "memorização, vulgarmente conhecida como decoreba, pelo raciocínio e entendimento", a "eliminação de contradições e duplas grafias e a redução máxima do uso de hífen ou também a sua eliminação." Segundo o professor Ernani Pimentel, da equipe de debate do projeto "Simplificando o Português", "quase ninguém sabe a ortografia em nosso país e encontrar alguém que saiba usar hífen, j, g, x, ch, s, z é algo raro. Até professores precisam recorrer a dicionários para confirmar como se escreve uma palavra, de tão complexo que é o nosso sistema." Língua difícil, o Português, falado e escrito por 230 milhões de pessoas no mundo, confunde, exaspera, dificulta a alfabetização, desanima o hábito de leitura, mantém um ríspido quadro de "errata", não é incluída facilmente no processo de comunicação estrangeiro, reprova em profusão em concursos e leva o povão a criar alternativas linguísticas que incluem gírias, formas apocopadas, reducionismo, pobreza de expressões, ambiguidades, entre mais deméritos. No ensino/aprendizado da Educação, mantém-se a dificuldade de explicar - e convencer o alunado - por que "estender" se escreve com "s" e "extensão" é com "x"; porque "pé de sapato", "pé de chinelo", "água de colônia", "manda chuva" são escritas sem hífen, mas "pé-de-meia", "guarda-chuva" e "água-de-cheiro" têm hífen? Como justificar, na lógica

da significação, a supressão da letra "c", por exemplo, na palavra "pacto", se sem essa letra o sentido conduz ao discernimento de "pato"? Seria possível um "pato social"? questionam com bom humor portugueses do mercado editorial de Lisboa. Não há consenso ortográfico entre os 8 países componentes da comunidade lusófona. Para o eurodeputado Paulo Rangel, o acordo ortográfico é merecedor de "boicote cívico a uma mudança arrogante e inútil." O Jornal de Angola, que não ratificou o acordo, assim como Moçambique, publicou que "se queremos que o Português seja uma língua de trabalho na ONU, devemos, antes, respeitar a sua matriz e não pô-la a reboque do difícil comércio de palavras; há coisas na vida que não podem ser submetidas aos negócios." Mesmo reconhecendo ser o Português o 5º idioma mais falado do mundo e o 6º idioma mais falado/escrito na internet, o lusitano Pedro Miguel do Amaral, declarando-se não ser um "purista da língua portuguesa" e sob o título "Democracia das falácias", reconheceu também que "muita da pobreza que ficou em países como São Tomé, Guiné ou Timor é fruto da nossa descolonização, e agora que temos os meios para agir [em função do acordo ortográfico] não vamos perder esta oportunidade". E deu uma alfinetada no Brasil: "Se a origem no Português está na Velha Europa, por que temos que imitar os do outro lado do Atlântico?" O imenso Mário de Andrade, já em 1943, quando se propôs uma reforma ortográfica, escreveu: "Não me interessa discutir se esta ou aquela é a ortografia que presta ou não. Precisamos é de acabar com a bagunça. Aqui, todo mundo escreve como bem entende. O Estado da Bahia tem h. A baía de Guanabara não tem. Acredito que a questão ortográfica tem contribuído muitíssimo para a desordem mental no Brasil." A bronca procede: segundo os professores Marcelo Módolo e Henrique Braga, da USP, "os alunos erram problemas de outras matérias porque não entendem a língua portuguesa." Por isso

da Universidade de Santiago de Compostela, poeta e tradutor Marcos Bagno sai convicto em defesa do Português brasileiro, assim como de uma gramática pedagógica do Português brasileiro, opondo-se com sólidos argumentos à casta letrada incumbida de defender a pureza estática da língua. Lembra Fábio Della Paschoa Rodrigues que em carta datada de 1/10/1999, Marcos Bagno, sempre guerreiro na questão, esclareceu ao deputado Aldo Rebelo que tanto a Academia Brasileira de Letras quanto o gramático Napoleão Mendes de Almeida propagam o mito da unidade linguística do Brasil, bem como o preconceito linguístico. Paulo Vítor Mattos Silva, da UERJ, recorda, por sua vez, que Bagno argumenta que ensinar o Português em detrimento do Brasileiro "é querer provar que a língua boa, certa e bonita vive do outro lado do Atlântico, falada por habitantes de um paraíso linguístico chamado Portugal". Ou seja, na leitura agora do professor da UERJ, "é se esquecer de que somos um povo de tradições difusas, mas hegemônico no que concerne à identidade nacional e que a riqueza que nos excede culturalmente reflete-se na língua, singularizando-a, tornando-a particular de um povo que historicamente a lapidou." Há ainda o contingente demérito de que, por não sabermos falar Português corretamente, escrever então nem se fala!, - prevalece "um conjunto de mitos infundados inerentes a uma língua emprestada a qual não respeitamos e abastardamos o tempo todo."

Outra que também defende a autonomia da língua brasileira é Rosa Virgínia Mattos e Silva, autora de "O Português são dois". Por seu turno, o citado Paulo Vítor Mattos Silva pontua no paper "Português Brasileiro: pluralidade singular", que três fatores são essenciais para justificar a evolução do processo de maturidade de uma língua brasileira: "o indígena, o negro e os falares americanos." Segundo este autor, o elemento indígena foi definitivo para a história da língua atualmente falada em nosso país, e, se não fosse pela migração da corte lusitana e a intervenção pombalina, poderíamos ter sido o maior país a desenvolver, de forma homogênea, uma língua indígena." Em relação ao elemento negro, este professor destaca dois grupos: o ioruba, sobretudo na Bahia, e o banto, com maior relevância em influência na língua, em razão do maior número de falantes; mas reconhece, no entanto, que o elemento negro não se fez presente, no período colonial, em todas as regiões.

O fato de se reivindicar, hoje, uma língua brasileira para brasileiros, calcada no pensar, sentir e agir do povo nascido e vivendo no Brasil, não significa, todavia, em revanche linguística ou de qualquer outra natureza contra Portugal. Um comentário virtual de Ebrael Shaddai, publicado em 29 de outubro de 2013 na internet, dá a entender, no entanto, que com o acordo ortográfico "o Brasil está a encurralar Portugal", que a pretensão do país é a "humilhação de um império sem que tenha as condições para o ser", em busca "de uma liberdade de indiferença", cuja língua portuguesa "transformou-se em uma arma de arremesso político que, de uma forma totalmente irracional, serve de instrumento para se ajustarem contas com a História." Ora, o Brasil foi espoliado demais em suas riquezas naturais, cuja exportação "na marra" pagou absurdas contas lusitanas a credores estrangeiros, para ter essa pretensa atitude mesquinha, quase infantil, de vingar-se idiomáticamente do seu tutor colonizador.

Um outro comentário, de Orlando Braga, sentencia: "Que me desculpem os portugueses, de quem eu gosto muito e com quem eu me identifico. Mas a Língua Portuguesa não tem dono. Se o Brasil quiser escrever com números, hieróglifos ou alfabeto cirílico, que assim seja. São entre 80% e 90% dos falantes da língua portuguesa. Quem não concordar com a língua que se fala e escreve no Brasil, é muito simples: não compre livros brasileiros, não assista à televisão brasileira, não veja filmes brasileiros, não ouça a música brasileira. Quem sabe isso não ajudará aos outros a valorizar a sua própria cultura?"

A luta por uma língua brasileira vem desde sempre e José de Alencar foi um dos pioneiros na defesa da nacionalidade linguístico-idiomática. Um dos remanescentes da reflexão sobre o literário e a natureza da Língua, afastando a linguagem dos padrões portugueses, José de Alencar escreveria: "Nós, os escritores nacionais, se quisermos ser entendidos de nosso povo, havemos de falar-lhe em sua língua, com os termos ou locuções que ele entende, e que lhes traduz os usos e sentimentos."

Em 1855, Joaquim Norberto de Sousa Silva, em texto intitulado "A Língua Brasileira", escreveria: "Já alguém nos lançou no rosto, que não temos literatura nacional, porque não temos língua; ficou porém provado a toda luz que a literatura de povo [sic] é a voz de sua inteligência, e da influência do nosso clima, da configuração do nosso terreno, da fisionomia de nossos vegetais, do aspecto da natureza do nosso país, ou risonha ou selvagem, e de nossos usos e costumes, tudo tão dessemelhante de Portugal, devia resultar uma tal ou qual modificação nessa literatura, embora portuguesa mas produzida pelos brasileiros: e consentisse então que a essa modificação se chamasse sem impropriedade alguma literatura brasileira." Este autor coteja que à época colonial "só no Amazonas encontravam-se até 1639 umas 150 línguas, afora as que depois se descobriram" (quantas sobreviveram em razão da prevalência do português enquanto língua imposta?). E lembrou Varnhagen, por dizer que "o estudo da língua guarani é digno, à par da grega, de ser cultivada como língua sábia e necessária, não só por dar esclarecimentos na etnografia e na botânica, como nos diferentes ramos da zoologia"; e Santa Rita Durão, cujo "belo poema [Caramuru] foi friamente recebido pelos portugueses", porque nele os nomes brasileiros Paraguaçu, Caeté, Imboaba, Jacarandá, entre outros, "abundavam de vogais" e, por isso "ridículos."

Com razões patrióticas, mas não de viés ufanista, Afrânio Coutinho, da ABL, também pôs-se a defender a língua brasileira, lembrando ele que, em 1935, pelo Decreto nº 25, de 16 de setembro, a Câmara Municipal do antigo Distrito Federal baixou determinação no sentido de que "os livros didáticos, relativos ao ensino da língua serão adotados nas escolas primárias e secundárias do DF quando denominarem de Brasileira a língua falada e escrita no Brasil." Argumentou: "A filologia brasileira e os professores de vernáculo teimam em não enxergar a evidência da transformação radical que está sendo operada na fala e na escrita da língua usada em nosso país. Os professores continuam a ensinar uma língua totalmente defasada em relação ao uso. Quem faz uma língua é o povo, todos sabemos disso. Desde o século XVI que a nossa está sofrendo

um impacto violento das novas condições geográficas, políticas, sociais, literárias, interpretados pela população local. Exemplo gritante é o de Gregório de Matos, criador de uma tradição nova que a linguagem adotaria e desenvolveria através dos séculos. O padre Antonio Vieira escandalizou os ouvintes em Lisboa, ao pregar com o sotaque brasileiro (já no século XVII). Ele mesmo recomendava aos noviços na Bahia que seguissem a língua "brasílica" ao pregar aos silvícolas. (...) O que temos de fazer é adotar logo a denominação "língua brasileira" como título da nossa língua." Et caterva.

Ortografia é, antes de tudo, motivo de polêmica

Gente séria não esquece o livro didático adotado pelo Ministério da Educação, "Por uma Vida Melhor", que despertou reações exacerbadas, porque baseado no senso comum e no temor não de todo infundado de que as escolas brasileiras passariam a ensinar e escrever errado, cuja discussão, inclusive na mídia, levou sentinelas de plantão da língua a uma autocrítica. Com ou sem acordo ortográfico, não é nada recomendável, como de resto burrice, aceitar construções como "nóis vai", "menas", "seje", "estou meia triste", "pobrema", "de menor", "de a pé", entre dezenas de outras, ou as famigeradas detectadas em redações de vestibulandos e de concorrentes em concursos públicos, a exemplo de "melhor organizado", "havia poucas pessoas no evento", "vai ter que ter ações para a Copa", "eles pegaram o lixo e jogaram no rio" (pegos do exemplário citado por Claudia Perrotta e Lúcia Masini, na internet).

Pode até ser que a "galera" do "hello crazy people" e dos "irados" hodiernos não conheça, além dos livros citados neste artigo, a "Gramática Histórica" de Ismael L. Coutinho, as Histórias da Língua Portuguesa respectivamente de Homini Boainain Hauy e de Dulce de Faria Paiva, o "Língua portuguesa no mundo", de Sílvio Elia, o "Dicionário construtivo luso-brasileiro", de Mauro Villar, "A formação histórica da Língua Portuguesa", de Francisco Silveira Bueno, ou a "Revista Littera", que trata da unificação racional do Sistema Ortográfico comum ao Brasil e Portugal, e tutti quanti, mesmo porque não tem ela a obrigação de ser "erudita" ou portadora de um conhecimento específico alusivo ao tema. Contudo, não precisa também exagerar na ignorância. "Não se tratava mais de apenas ensinar a ler, escrever e contar, como acontecera nas escolas da colônia", analisa Ilmar Rohloff, ao tratar da formação do Estado nacional no Brasil. "Tratava-se [como ainda é pertinente e muito] de difundir o mais amplamente possível a 'língua nacional', sua gramática incluída, de modo a superar as limitações de toda natureza impostas pelas falas regionais, e assim reproduzindo em escala mínima e individual o esforço gigantesco que, em escala ampliada, era [como ainda deve ser] desenvolvido pelos escritores românticos, Alencar à frente." O assunto é, por todos os motivos, divisor de opiniões e, portanto, polêmico. Vejamos algumas. A opinião experiente do professor e poeta Paschoal Motta, ex-editor deste Suplemento Literário de Minas Gerais:

"Essas colocações e outras sobre grafias, através da história da Língua Portuguesa (com iniciais maiúsculas) já derrubaram muitas árvores. A

mais recente Ortografia, um desastre cacográfico. Complicou-se o complicado. Todos os acentos, de início, deveriam ser abolidos, como todos os hífen e outras pedras no caminho da escrita da Última Flor do Lácio. José Simão, o da Folha, vive repetindo que no Brasil todos escrevem e falam errado, e todos se entendem. Não é bem assim. Cada falante ao se expressar com outro, tem intenção de ser entendido, de comunicar uma ideia, e isso é que segura a peteca da balbúrdia babélica. Vale mais é ficar atento quanto às várias linguagens, saber entender elas e conhecer o padrão, a formal. Não existe, em tese, "erro de Português", mas diferentes modos e meios de comunicar mensagens. Entre as neolatinas, o Francês, graficamente, bate firme ao lado do Português. Felizmente jogamos no lixo as letras dobradas. E nem eram etimológicas quase todas as palavras com as ditas. O Latim tinha acentos gráficos: o Inglês tem? O Volapuque tem? Esperanto? Inventaram Y para o Tupy, que nem grafia tinha...Ao que parece, o Espanhol caminha a passos rápidos para acabar com isso de acentuação gráfica. É a mais limpa entre as irmãs e a mais preferida. A acentuação gráfica portuguesa tem uma longa história e todas apenas preocupadas com os utentes do idioma, como se fosse a Língua Portuguesa a única da Terra. Fico imaginando a "jirisa" que estrangeiros sentem quando se aventuram no aprendizado da Língua de Lima Barreto escrita. O Acordo de 1943 é protótipo em firulas diacríticas. Guimarães Rosa acentuava a seu bel prazer... O mesmo fazia um falecido amigo maranhense-mineiro, de belíssima expressão escrita, tendo tão somente o primário. Deixou um livro, Cometimentos, que poucos conhecem, com crônicas deliciosas, pelos assuntos e expressão literária. Salatiel Queiroz abominava nossas normas de grafias. A crase, outra pedreira, era, no Renascimento, grafada com 1 A. Depois, soldaram a preposição com o artigo e virou um inferno, como o abominável hífen. Pior, como brinca Ferreira Gullar (não sei se ele foi o primeiro), dizendo que a crase não foi feita para humilhar ninguém. Mas eu corrijo: foi e é humilhante. O último (des)acordo foi inventado por quem? Quem é o pai? A mãe? Filho feio já teve pai e mãe alguma vez? Dou um quindim para as autoridades que aprovaram a última reforma ortográfica, se souberem acentuar os ditongos orais em E e O, no meio e no final de palavras; os hiatos e que tais... E nós cá, pobres mortais, que nem macaqueamos mais a sintaxe lusíada, ficamos à deriva nesse vale de lágrimas, chorando e rangendo dentes... Meu abraço e admiração pela abordagem inteligente dessa balbúrdia babélica a que chamamos Orto/grafia."

Professor doutor Eloésio Paulo: "Li com atenção o artigo e considero bons seus argumentos, mas não concordo com a proposta. Tenho uma noção civilizatória da língua e minha experiência como professor me diz que só os preguiçosos ou burros (eles existem, ao contrário do que afirmam os pedagogos) não conseguem, e porque não leem nem bula de remédio, escrever sem cometer erros elementares de ortografia, regência e concordância. Em algumas coisas, a tradição funciona mesmo que não faça muito sentido, e acho que o idioma é uma delas."

Escritor Pedro Maciel: "Acho que poderia incluir no artigo o fragmento que cita escritores, filólogos etc e tal, que deveriam pensar na reforma e não os políticos que não sabem nem mesmo escrever, com raras

exceções." Comentário: pode-se dizer, na esteira de Vanise Medeiros em seu ensaio "A língua em solo brasileiro na Revista Brasileira no período de JK", pinçável na internet, que os filólogos são aqueles que mais do que saber a língua tem um reconhecimento por um saber sobre a língua; é aquele a quem se confere o papel de "legislador" da língua. À Academia Brasileira de Letras coube a gramatização do brasileiro. Mas o filólogo não pertencia à ABL - ele é chamado quando seus trabalhos se fazem necessários." Oswald de Andrade anotou no Manifesto do Pau Brasil: "pela contribuição milionária de todos os erros". Risos."

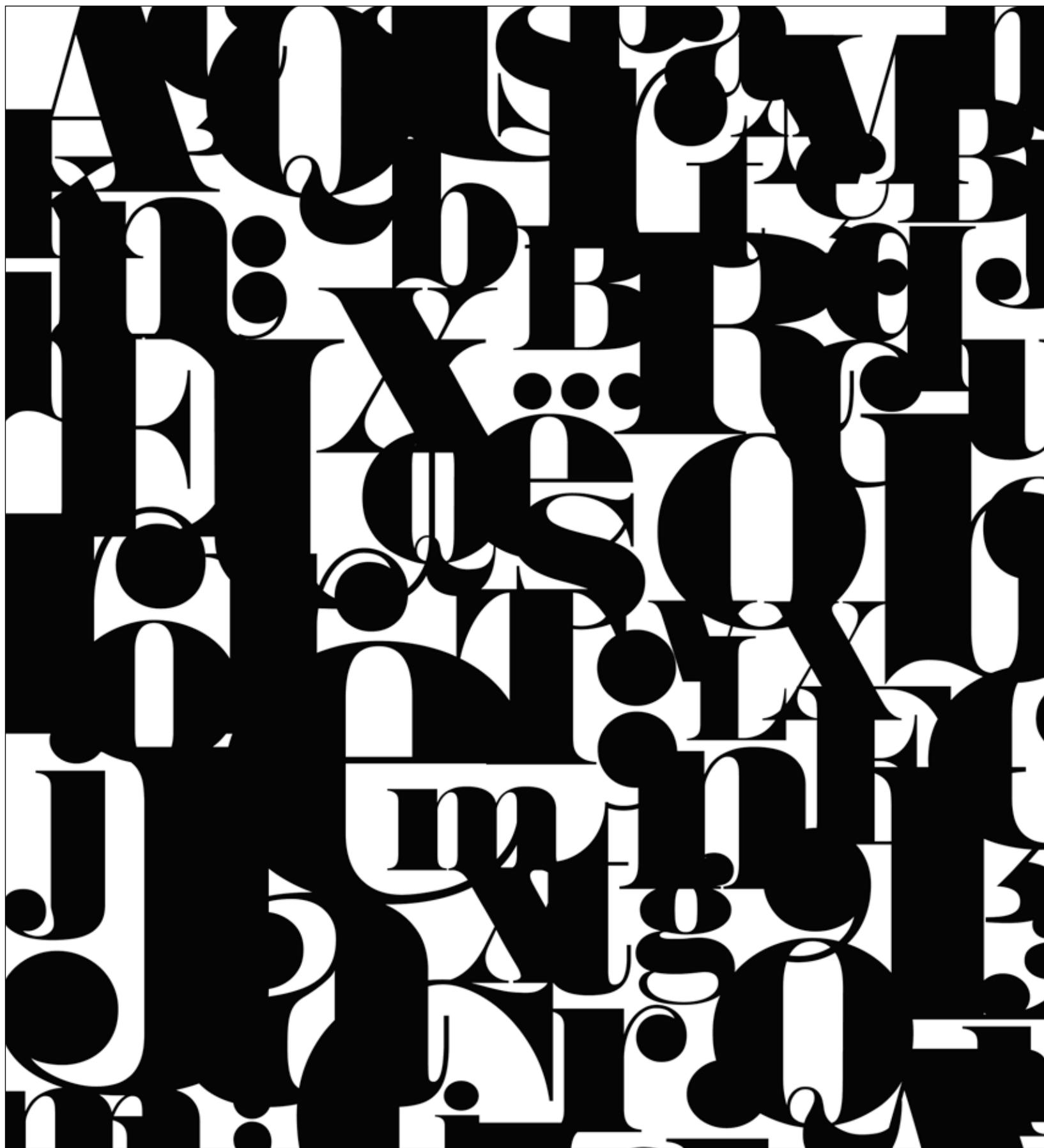
A escritora Adriana Versiani pontuou: "O assunto Acordo Ortográfico é bom demais. Eu sempre sofri muito com a imposição de regras sem sentido e ainda sofro. Mas é exatamente a falta de sentido que me permite transgredir, falar a minha própria língua. Convivo com muita gente, ouço diariamente o barulho das ruas e sempre estou atenta aos novos dialetos urbanos. O brasileiro tem ouvido musical. A língua continua evoluindo e as regras carecem sempre revisão."

Para a poeta Bianka Andrade, "o que se busca com essa celeuma é inalcançável: tornar *ipsis literis* a relação grafo-fonética do português brasileiro. Isso não existe em nenhuma língua. Língua falada é uma coisa e língua escrita é outra. O francês é muito pior que o português nesse sentido e a alfabetização na França tem resultados muito melhores que a brasileira, isso porque o problema é a formação oferecida e não a suposta dificuldade da língua."

Professor-mestre Vitor Dorneli Rodrigues: "Essa discussão é oportuna e necessária, o nosso português é brasileiro." Enfim: quem está "com a mão na massa", pelejando com a língua na Literatura e na docência, tem a nítida convicção de que já se impõe a necessidade de distinção de uma língua brasileira da língua portuguesa como remanescente do país colonizador. O que se quer ver na prática é político com poder de linguagem em função da língua brasileira. O que se quer é uma Academia Brasileira de Letras transformada em "um verdadeiro parlamento cultural nacional", a começar pela instituição oficial da língua brasileira. Firulas, caprichos, idiossincrasias acadêmicas e luxúrias eruditas para justificar o imobilismo da irrefreável evolução linguístico-idiomática da língua brasileira - já são coisas de um passado tão remoto como a colonização, escrever *pharmácia* ou *telephone*, dar nós nas tripas da filologia ou fazer média política com uns poderes que, em relação a decisões definitivas quanto a acordo ortográfico, estão mudos como a letra h. Que escreve homem, humanismo e haja saco!

MÁRCIO ALMEIDA

mineiro de Oliveira, é mestre em Literatura, escritor (sobretudo poeta) e crítico de raridades.



POETRY MUST

DIE

(Um brinde no banquete das musas)

DANILO ALVES

minha mãe me aconselhou
a não ler mais poesia
alegando que “às vezes a poesia
parece com a vida da gente”
achei um dos melhores conselhos
que um filho pode receber
mas infelizmente
eu me encontro num estágio
em que parecer não é suficiente
e minha vida
precisa ser
o poema

DANILO ALVES

tem 20 anos, é baiano de Poções. Vive em São Paulo desde
criança e trabalha como designer. Este é o seu primeiro
poema publicado.
